



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – INGLÊS

**KESSIA ALVES PINTO**

**“SÓ APRENDO INGLÊS SE EU FOR PARA O CURSINHO”:  
CRENÇAS SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA  
INGLESA.**

ARAGUAÍNA/TO  
2019

**KESSIA ALVES PINTO**

**“Só aprendo inglês se eu for para o cursinho”:  
Crenças sobre o ensino e aprendizagem de língua inglesa.**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína-TO, Curso de licenciatura plena em Língua Inglesa e suas Literaturas para obtenção do título de “Só aprendo inglês se eu for para o cursinho”: Crenças sobre o ensino e aprendizagem de língua inglesa e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador(a): Dra. Elisa Borges de Alcântara Alencar

Araguaína/TO  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

P659" Pinto, Kessia.  
"Só aprendo inglês se eu for para o cursinho": Crenças sobre o ensino e aprendizagem de língua inglesa. / Kessia Pinto. – Araguaína, TO, 2019.  
68 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2019.

Orientador: Elisa Borges de Alcântara Alencar

1. Inglês. 2. Pesquisa-ação. 3. Crenças. 4. Escola Pública. I. Título

**CDD 420**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

KESSIA ALVES PINTO

**“Só aprendo inglês se eu for para o cursinho”:**  
Crenças sobre o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa.

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína-TO, Curso de licenciatura plena em Língua Inglesa e suas Literaturas para obtenção do título de “Só aprendo inglês se eu for para o cursinho”: Crenças sobre o ensino e aprendizagem de língua inglesa e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Elisa Borges de Alcantara Alencar, UFT  
Orientador (a)

---

Profa. Dra. Miliane Moreira Cardoso Vieira, UFT  
Membro avaliador

---

Prof. Esp. Felipe Gonçalves Carneiro, IFTO  
Membro avaliador

Araguaína-TO, 2019

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, família, corpo docente, noivo, amigos e a todos que de alguma forma colaboraram para a minha formação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado sabedoria e força para enfrentar os desafios e as dificuldades até aqui superadas.

Agradeço a minha família pai, mãe e irmão, que me incentivaram a estudar e me deram suporte emocional e familiar para continuar minha jornada até aqui. Principalmente a minha mãe, que sempre acreditou em mim. Agradeço ao meu noivo, que sempre me deu apoio e acreditou que eu fosse capaz de concluir o curso, me passando confiança.

Agradeço a minha orientadora que me ajudou e desenvolveu este trabalho comigo a fim de somar para diversos fatores envolvendo a educação.

Agradeço a todo o corpo docente do curso de letras que colaboraram para que eu chegasse até aqui, incluído principalmente as professoras maravilhosas que nos transmitiram conhecimento e sabedoria.

Agradeço aos meus colegas de turma que de alguma forma ajudavam uns aos outros quando necessário e também agradeço imensamente as minhas grandes amigas de jornada: Shirlane e Lessandra, que unidas fomos até o fim dos nossos TCC's e que com fé em Deus vamos conseguir traçar todos os nossos objetivos tanto profissionais como pessoais.

## RESUMO

Este trabalho de natureza qualitativa é uma pesquisa-ação com o objetivo de mapear e ressignificar as crenças de sete alunos, entre eles três participantes do gênero masculino e quatro do gênero feminino, sendo todos pertencentes de uma turma do programa de Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública da cidade de Araguaína, situada no estado do Tocantins. Para a coleta de dados foram utilizados desenhos e narrativas, feitos antes e depois de um projeto nomeado *ENGLISH MOTIVATION*. Os resultados mostram ressignificação de algumas crenças, a partir de nossas ações. O projeto contribuiu para que a maioria dos participantes mudassem algumas de suas crenças negativas. Acreditamos que se os alunos continuassem com o projeto, muitos conceitos negativos que eles possuem a respeito da Língua inglesa seriam ressignificados. Mostraremos como foi o processo de algumas rupturas ocorridas durante nosso trabalho, como agimos e o desenvolvimento dos alunos.

**Palavras-chaves:** INGLÊS. PESQUISA-AÇÃO. CRENÇAS. ESCOLA PÚBLICA.

## **ABSTRACT**

This qualitative work is an action-research with the objective of mapping and reframing the beliefs of seven students, including three male and four female participants, all belonging to a class of the Youth and Adult Education Program (EJA) of a public school in the city of Araguaína, located in the state of Tocantins, North Region. For data collection, drawings and narratives were used. They were made before and after a project named *ENGLISH MOTIVATION*. The results show resignification of some beliefs, based on our actions. The project helped most participants to change some of their negative beliefs. We believe that if students continued with the project, many negative concepts they have about the English language would be re-signified. Our objective is also showing how was the process of some disruptions that occurred during our work, how we acted and the development of students who participated.

**Key-words: ENGLISH. ACTION-RESEARCH. BELIEFS. PUBLIC SCHOOL.**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

RP	Residência Pedagógica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
UFT	Universidade Federal do Tocantins
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
LI	Língua Inglesa

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>CAPTULO I - CONCEITO DE CRENÇAS .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>As possíveis crenças sobre o professor de LI refletido nas escolas públicas .....</b>	<b>17</b>
<b>1.2</b>	<b>Crenças na perspectiva dos alunos que atuam nas escolas públicas ....</b>	<b>18</b>
<b>1.3</b>	<b>Os diversos fatores que desencadeiam desmotivação e se transforma em crença .....</b>	<b>21</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO II - PROCESSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1</b>	<b>As oficinas da ação ENGLISH MOTIVATION.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2</b>	<b>Materiais e atividade trabalhadas nas oficinas .....</b>	<b>23</b>
<b>2.3</b>	<b>Local da realização das oficinas .....</b>	<b>27</b>
<b>2.4</b>	<b>Perfil dos estudantes .....</b>	<b>27</b>
<b>2.5</b>	<b>A escolha dos integrantes da pesquisa .....</b>	<b>28</b>
<b>2.6</b>	<b>Os desenhos como foco da pesquisa .....</b>	<b>28</b>
<b>2.7</b>	<b>O desenho e suas manifestações .....</b>	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS .....</b>	<b>31</b>
<b>3.2</b>	<b>Relatos dos desenhos .....</b>	<b>31</b>
<b>3.3</b>	<b>(Re)significação e análise das narrativas feitas através dos desenhos ...</b>	<b>33</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos fazer uma investigação e análise das crenças mais recorrentes no âmbito do ensino e aprendizagem de Língua Inglesa (LI) no contexto da escola pública. Dentre elas, destacamos a crença de que só é possível aprender a LI em um curso de idiomas que não faça parte da escola.

Nossa análise partirá de observações e ações que serão feitas durante a Residência Pedagógica (RP)<sup>1</sup> com alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA e como suporte os documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O interesse pelo referido tema surgiu através das aulas de Estágio Supervisionado: Língua Inglesa e Literaturas II no ano de 2018. Na época, me deparei com uma grande maioria de alunos cheios de crenças, ideias equivocadas a respeito da aprendizagem de LI e o senso comum em relação ao aprendizado de língua inglesa, o que conseqüentemente, causa bloqueio e a auto exclusão no percurso de aprender esta língua. Percebi que a grande parte dos alunos se mostravam desmotivados e reproduziam discursos negativos proferidos pela sociedade em geral. Porém, não percebi, durante minha trajetória na escola pública (nem como aluna e nem como estagiária) ações que tivessem os objetivos de promover melhorias e ou ressignificação de tais crenças. Diante desses problemas, listamos abaixo alguns discursos recorrentes ouvidos durante os estágios.

- Professora, eu não sei falar nem português direito imagina em inglês.
- Professora, fala em português.
- Assim não vale! Ela acertou porque ela já fez cursinho e nós não.
- Eu não sei pronunciar então não vou falar.

---

<sup>1</sup> O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. <https://capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acessado em: 11. dez. 2019. Agradeço aos programas RP, CAPES e MEC, pois eles nos permitiram construir este Trabalho de Conclusão de Curso no período de atuação na Escola Estadual Vila Nova, em que fui bolsista. Os mesmos me proporcionaram ainda mais experiência e preparação para lidar com os alunos em sala de aula antes mesmo de ser uma professora efetiva.

A desigualdade social tem crescido constantemente no Brasil ocasionando com que as pessoas se auto excluam da função de ensinar e aprender LI, e dentre elas está a disciplina de inglês, que sofre gradativamente com esses processos de exclusão, principalmente nas escolas públicas, e vem se tornando mais visível na sociedade. Sabemos que esse assunto tem sido estudado de acordo com pensamentos de diversos autores da área, como aponta (LEFFA, 2011, DIOGENES, 2011, BARCELOS, 2004)

O inglês é visto pela sociedade brasileira como uma língua que somente as pessoas com grande poder aquisitivo podem aprender. Matricular-se em cursinhos e pagar pelas aulas, ou seja, parece que o espaço para aprender LI já está marcado (é privado, pago) e outros espaços são desmerecidos. Muitos dos alunos considerados pobres ou de baixa renda não têm uma relação amigável com a disciplina de inglês, pelo fato da sociedade estereotipar como uma língua que não tem ‘serventia prática’, e isso faz com que os alunos vejam com outros olhos a disciplina, bloqueando a aprendizagem e gerando um grande desmerecimento. Se o discurso de exclusão das classes minoritárias fosse menor, talvez os alunos das escolas públicas se sentissem mais confiantes para aprender a língua criando estratégias e exigindo do governo o tempo e o direito que lhes cabe para aprender a LI. Acreditamos que os mesmos não comprariam a ideia de que aprender a LI “não é para eles” ou “que eles são incapazes”.

Como objetivo da pesquisa se concentra em levantar e analisar algumas crenças mais recorrentes, objetivamos, mapear o que os alunos pensam sobre aprender LI e promover um plano de ação para desconstruir crenças negativas que tem impacto em suas aprendizagens. Queremos apresentar aos alunos, pontos positivos, para incentivá-los e tentar quebrar alguns paradigmas. O inglês é uma porta para diversas oportunidades, sendo elas não apenas o mercado de trabalho ou viagens internacionais. Limitar a aprendizagem a apenas este discurso muitas vezes estreita as possibilidades de se aprender sobre o mundo, sobre as vidas, sobre as desigualdades, sobre o contexto local e mundial. Assuntos que podemos discutir e aprender via aulas de inglês e por meio da LI pode ampliar o vocabulário, a linguagem, dentre outras funções que ajudariam muito na vida de uma pessoa. Apresentamos como pergunta de pesquisa a seguinte questão: Quais são as crenças representadas nos desenhos dos alunos e de que forma elas foram ressignificadas?

Esta pesquisa qualitativa de cunho/caráter pesquisa ação, foi realizada na Escola Estadual Vila Nova, com os alunos do 2º ano do ensino médio e com participação de 21 alunos, e para alcançar os objetivos, propusemos como metodologia para mapear as crenças com relação à aprendizagem de LI, que os alunos desenhassem algo que demonstrasse suas percepções com relação à Língua Inglesa e explicassem seus desenhos em um pequeno texto.

Com base nos desenhos reconstruímos as visões daqueles que se mostraram incapazes, desmotivados ou com as crenças do senso comum (inglês dos EUA, viagens, trabalho, marcas de produtos).

Para realizar as análises dos desenhos e textos utilizamos como aporte teórico estudos de alguns autores da área de linguística aplicada, desenvolvidos por BARCELOS (2004), LEFFA (2011), MASTRELA (2011), RIBEIRO (2009). Gostaria de ressaltar que o trabalho de RIBEIRO (2009) intitulado: “EUKURTO APRENDER” A competência acadêmica na (re)construção da identidade do novo aprendiz de língua(s), foi instrumento de inspiração nesta monografia. O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo está o referencial teórico, segundo capítulo está a metodologia e o terceiro e último será apresentado análises e resultados da pesquisa.

## CAPÍTULO I – CONCEITO DE CRENÇAS

Neste capítulo vamos abordar os conceitos de crenças com auxílio de embasamentos teóricos de alguns autores e fazendo algumas junções conforme pensamentos inseridos no contexto das crenças, acerca das escolas públicas e dos elementos que a compõem.

Em meados de 1980 as pesquisas baseadas em crenças foram iniciadas no exterior e logo após em 1990 no Brasil. Diversos autores foram em busca dos conceitos e definições em relação a elas, e iniciamos por BARCELOS (2004) que menciona sobre os primórdios do conceito de crenças. Desde que o homem começou a pensar, ele passou a acreditar em algo, para a autora, isto é complexo e existem várias definições e diferentes termos, não somente para a Linguística Aplicada, bem como em outras áreas.

As crenças têm suas origens nas experiências e são pessoais, intuitivas e na maioria das vezes implícitas. Dessa forma, as crenças não são apenas conceitos cognitivos, mas são “socialmente construídas” sobre “experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca (NOVELLI e ROSEIRA 2017 *apud* BARCELOS p.132).

BARCELOS (2004) diz que as experiências são pessoais, e entende-se que cada pessoa ou grupo tem uma forma de lidar com as crenças. Muitas das vezes uma pessoa afirma que não tem crença alguma, quando na verdade ela tem muitas crenças e não é capaz de perceber que as usam. E elas surgem quando o processo social é estabelecido na vida de alguém. Em seguida, SILVA (também apresenta a sua definição sobre as crenças, argumentando que:

Ideias ou conjunto de ideias para as quais apresentamos graus distintos de adesão (conjecturas, ideias relativamente estáveis, convicção e fé). As crenças na teoria de ensino e aprendizagem de línguas são essas ideias que tanto alunos, professores e terceiros têm a respeito dos processos de ensino/aprendizagem de línguas e que se (re)constrói neles mediante as suas próprias experiências de vida e que mantêm por um certo período de tempo. (Novelli e Roseira, 2017 *apud* SILVA, 2005, p.77).

Quando SILVA (2005) fala que as crenças se mantêm por um período de tempo, acredita -se que as crenças estão sujeitas a serem mudadas em algum período de nossas vidas. Desse modo, podemos aprender que se as crenças forem debatidas e trabalhadas, poderão se apresentar de outras formas, ou seja, crenças negativas podem se tornar positivas e vice-versa. Por isso, planos de ações foram sugeridos neste trabalho na tentativa de ressignificações e reforço das crenças apresentadas.

Segundo Leffa (2011), tanto o fracasso como o sucesso na aprendizagem de língua estrangeira foram percebidas, quando ele faz uma comparação do ensino regular público com um cursinho em que poucos meses de estudos sobre a língua, alguns soldados saíam falando fluentemente, enquanto os alunos da rede pública estudavam anos e mesmo assim não aprendiam nada e o autor diz que isso era a consequência da mudez dos alunos durante as aulas. E esse fato nos faz refletir que quando se fala em língua inglesa inserida na educação pública, percebemos que não se tem muito sucesso ao olhar da sociedade, e quando falamos em cursinho a crença é totalmente diferente, até mesmo nas décadas anteriores. Hoje podemos perceber que os cursinhos ao olhar de muita gente têm mais credibilidade que as escolas públicas. ARAGÃO (2011), MASTRELLA-ANDRADE (2011) e MICCOLI (2010) afirmam que:

A relação entre emoções e crenças nos ajuda a poder compreender, por exemplo, como a vergonha e o medo de se expor frente a colegas e ao professor, tendem a restringir o ato de falar inglês em sala de aula (ARAGAO e CAJAZEIRA 2017, apud ARAGÃO, 2011; MASTRELLA-ANDRADE, 2011; MICCOLI, 2010). Emoções influenciam as dinâmicas interativas com a língua estrangeira e se relacionam com crenças sobre nós mesmos (autoconceitos), nossos contextos de ensino/aprendizagem, e acerca de possíveis colegas-interlocutores (ARAGAO e CAJAZEIRA 2017 *apud* ARAGÃO, 2011).

A maioria dos alunos das escolas se negam falar durante as aulas por não dominar o conteúdo, por não saberem a língua e isso de fato traz grandes problemas para esses alunos, pois o professor tem que saber do aluno quais as suas dificuldades em relação ao conteúdo e a língua, para que ele possa orientá-lo. Estas dificuldades podem ser detectadas quando o professor solicita em atividades propostas de exercícios com o uso das quatro habilidades de L.I (Speaking, Reading, Listening, Writing) de formas isoladas ou compartilhadas e como respostas as solicitações o professor recebe recusas, desmotivação em realizar as por parte dos alunos.

LEFFA (2011) “O insucesso também permeia outras disciplinas, mas lá talvez seja mais fácil para o professor fingir que ensina e para o aluno fingir que aprende.”(p.17) Diante dessa fundamentação, é evidente reconhecer quando um aluno realmente aprende a língua inglesa, e também é possível notar verdadeiramente quando um professor tem qualificações necessárias para dar aulas.

É perceptível que além dos preconceitos enraizados pelas pessoas em relação a língua inglesa, também existe preconceito anexado dentro das diretrizes elaboradas pelo o governo federal, que é aquele que tem como objetivo orientar os educadores. Isso mostra que até mesmo aqueles que tem como função ajudar o professor, acabam dando a ele um conhecimento negativo de crença sobre ele mesmo, que talvez ele nem tinha construído em

sua vida como educador, mas o documento pode despertar no professor a crença de que ele não tem capacidade de dominar a língua. O documento afirma que:

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) Podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. (Brasil, 1998, p. 21)

Diante destas afirmações, é possível ver que não se julga todos os professores e nem todas as escolas, mas mesmo assim pode causar transtornos para aquele educador que está em fase de aprendizagem ou que ainda tem dificuldades para adquirir domínio das habilidades orais. Essas palavras podem fazer com que o professor vá para a sala de aula crente de que ele não tem habilidades suficientes para estar ali ministrando suas aulas, causando um certo desconforto ou desanimado.

Com base nos trabalhos de Novelli e Roseira, intitulado: CRENÇAS DE ALUNOS-PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO DOCENTE INICIAL, criamos um esquema, com a finalidade de expandirmos algumas opiniões a mais em relação aos diversos conceitos e definições existentes sobre crenças.

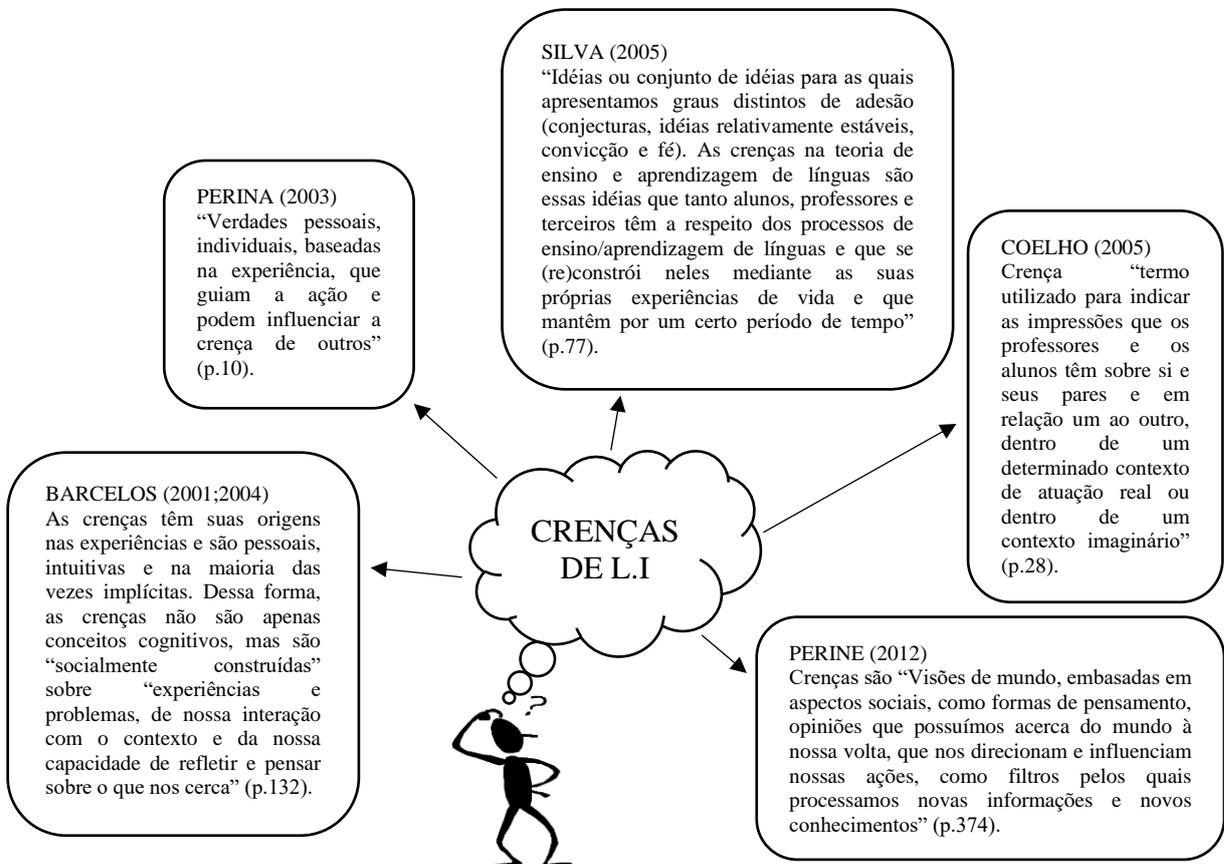


Figura 1: Definições acerca de crenças de L.I  
Fonte: Autor

De acordo com as informações obtidas dentro do esquema, podemos perceber que as definições e conceitos de crenças são diversas. Dentre eles estão os pensamentos de crenças que são usadas, mas não são assumidas. Crenças que são criadas a partir da expectativa de vida, incluindo a parte financeira. Crenças que são capazes de serem influenciadas de um para o outro, sem ao menos conhecer o objeto de estudo e julgá-la a partir do pensamento ou da influência de outro indivíduo. As crenças tem as possibilidades de serem reais ou fictícias; as reais são as que conhecemos, são julgadas e de fato acontecem. As fictícias, são as ideias que julgamos sem ao menos conhecer.

BARCELOS (2001; 2004), ao falar que o conhecimento é construído socialmente, mostra que isso é importante dizer, porque dentro de uma sociedade as pessoas acabam influenciado umas às outras, mesmo que sejam elas boas ou más influenciadoras. As crenças fazem parte disso, e maioria das vezes está ligada a uma influência ruim, e de acordo com Barcelos, PERINA (2003), também confirma em suas palavras que, um indivíduo mesmo sem querer, pode acabar influenciando crenças na vida de alguém, a partir de suas crenças. BARCELOS e PERINA, ambas têm um pensamento em comum, que são as atuações que a sociedade tem em relação as crenças. Para os autores, a sociedade é o que constitui as crenças, e diante disto, podemos perceber nas suas teorias presentes no quadro de definições, que elas estão sempre dando ênfase ao meio social como os criadores de crenças. E de acordo com o que diz o documento BNCC:

O Brasil, ao longo de sua história, naturalizou desigualdades educacionais em relação ao acesso à escola, à permanência dos estudantes e ao seu aprendizado. São amplamente conhecidas as enormes desigualdades entre os grupos de estudantes definidos por raça, sexo e condição socioeconômica de suas famílias. (BRASIL, 2017)

Como é citado na BNCC, fica visível que no Brasil é muito comum que os mais pobres estudem em escolas públicas e os de classe média a ricos em escolas ou cursos particulares. Podemos perceber o quanto as pessoas se classificam, e através dessas classificações sociais, as pessoas se afastam e faz com que as crenças se tornem ainda mais permanentes. A sociedade sempre está querendo dividir os lados um exemplo este seria: Escola de pobre, escola de rico. Se o rico estuda inglês é considerado chique, fácil, disciplinado e etc. Se o pobre estuda inglês é sinônimo de provação, preconceito, desinteresse, sem necessidade e etc. Se as escolas públicas fossem frequentadas por alunos de todas as classes sociais existentes, uns ajudando aos outros, seria mais fácil de amenizar a desigualdade, desde que não houvesse preconceito ou diminuição de ambas as partes.

## 1.1 As possíveis crenças sobre o professor de LI refletido nas escolas públicas

Podemos trazer diversas crenças sobre professores de LI. Diversos professores sem formação em língua inglesa vão para a sala de aula, para simplesmente completar sua carga horária, este fato dá-se pela crença de que a LI pode ser dada por qualquer profissional, pois ela não é importante e não acrescenta muitas coisas, podendo ser ministrada por qualquer profissional que aceite a empreitada. Sabemos que o professor não precisa ter domínio total da língua, mas que precisa estar em constante aprendizagem e estar sempre se qualificando na sua área de língua inglesa o máximo que puder, para que seus alunos vejam que ele tem competência no que faz, e que acima de tudo dê exemplo aos mesmos.

Segundo Oliveira (2007) O grande desafio não é oferecer escola para todos, construindo prédios, mas ter professores qualificados para a sala de aula. Isso deixa em evidência que o professor deve investir em conhecimento e trabalhar com mais segurança e qualidade, e que um professor sem conhecimento atuando na sala de aula faz muita diferença, mas uma diferença negativa. Faz com que os alunos percebam no professor a falta de informações atualizadas e desacreditem que se possa aprender uma língua estrangeira na escola pública é impossível, por falta de conhecimento e habilidades do professor. Que também pode não ser formado na área de língua inglesa, ou até ser formado, mas com uma bagagem desqualificada.

Outra crença existente é a de que na escola pública não é necessário falar inglês, mesmo que o (a) professor(a) tenham nível de proficiência altos. Isto leva a crer que a escola pública ou os alunos que lá estudam, nunca vão aprender a língua, pelo fato de estarem em um lugar público, com muitos problemas de cunho social. Alguns professores desistem destes espaços e tem a concepção de que lá não é lugar para aprender a LI. Estes profissionais apresentam comportamento diferente quando ensinam em lugares privados. Siqueira relata o caso apresentado por um aluno em uma narrativa em que o mesmo reclama de um professor que mesmo sabendo a LI, não se comprometia a ensiná-la no ambiente da escola pública. O autor diz que o professor:

[...]conhecia a língua inglesa, era fluente, tinha morado em um país de língua inglesa, mas que, por questões não muito claras, recusava-se a falar inglês em sala de aula. Era um professor de inglês que, como tantos outros, atua em cursos particulares e na escola pública, conduzindo sua prática de maneiras completamente distintas. (SIQUEIRA, 2011, p. 101)

De acordo com este relato está evidente que o professor também tem suas crenças, sendo ela principalmente a respeito à escola pública. Professores que tem grandes experiências e práticas com a língua e inglesa, deixam de repassar esses conhecimentos com uma convicção que muitas das vezes atrapalham tantos que querem e estão ali para aprender, desmotivando cada vez mais os aprendizes e espalhando crenças e mais crenças.

COELHO (2005:115) diz que “não é possível ensinar estruturas mais complexas porque os alunos não acompanhariam”.(p.149) com base nestas palavras do autor, percebemos que esta crença é bem comum entre os professores, de que o professor não passa conteúdos “mais complexos” para os alunos de escolas públicas, porque acha que o aluno não tem capacidade de aprender aquele conteúdo ou obter êxito nas atividades. Esse método faz com que o aluno não amplie seu conhecimento e o faz excluído do seu próprio direito de aprender, sendo ele fácil ou difícil, o aluno tem de passar por todos esses estágios, sejam eles qual forem os graus de dificuldades. Os alunos tem que aprender a lidar com essas atividades para ensina-los a ter noção e saber resolver essas questões que chegarem até ele.

## **1.2 Crenças na perspectiva dos alunos que atuam nas escolas públicas**

A maioria dos alunos tem consigo uma parcela de culpa em relação ao fracasso na aprendizagem de LI, porque de fato não tem interesse pela língua. Sejam elas influenciadas pelas crenças ou não. Maioria dos alunos de escolas públicas, carregam consigo desde sempre a crença de que não se aprende inglês na escola pública, por não ser pago, por não dar chance ao professor de mostrar o quanto a língua inglesa é importante e interessante, por não tentar ao menos compreender a cultura do outro, por desvalorizar o trabalho que o professor leva com apreço para aula, por acreditarem que quem só aprende a língua inglesa são os ricos, pelo fato de ter condições financeiras de viajar para outro país.

Essa crença está na maioria dos alunos, porque a escola pública no Brasil tem a maioria do seu público pessoas de baixa renda. Alguns alunos que vão para a escola somente pelo prato de comida que não existe na casa dele. Outros que vão obrigados pelos pais. Alguns com o intuito de só buscar por amizades e diversos outros fatores. E isso não significa que todos sejam desinteressados ou não gostam de inglês. Existem alunos que mesmo com as crenças e as necessidades que persistem em está em meio a sociedade escolar, são interessados e buscam aprender, ou até mesmo quando a sociedade ou o seu grupo familiar desacreditam que se pode aprender, por ser uma cultura estrangeira de certa maneira distante e

por achar que em virtude da sua baixa renda, não se é capaz aprender e muito menos conseguir a fluência.

Um fato bastante importante sobre os alunos que estudam em escolas públicas, é acharem que não fazendo nenhuma atividade, trabalho ou participar das aulas de inglês, não faz com que ele fique de ano e nem que nunca será prejudicado na sua carreira de aprendizagem. Esse fator é gerado por uma crença de que a LI não é importante na sua carreira estudantil. Que inglês só se aprende nos estados unidos ou nos cursinhos pagos. Isso ocorre não só na LI, mas também em outras disciplinas existentes.

De acordo com uma pesquisa feita por Andrade nas escolas regulares, BARCELOS (2011) reforça que “Os resultados mostraram que os alunos não acreditam que conseguem aprender inglês nessas escolas.” E considerando o que a autora diz, concluímos que muitos alunos de escolas públicas têm essa crença em comum, que é o fato de acreditar que só aprende inglês nos cursinhos. Essa crença é formada por diversas causas, uma delas é de ter um colega que sabe fluentemente inglês por ter estudado em cursinhos, enquanto ele não sabe nem o básico, então ele assimila que o curso de inglês é melhor lugar para se aprender, por influência do colega.

BARCELOS (2011) “O curso de idiomas é retratado como “uma oportunidade”, um sonho visto como impossível para o aluno “devido ao alto preço das mensalidades”. (p.153) Muitos alunos de escolas públicas, tem um desejo em estudar em cursinhos<sup>2</sup> de idiomas, por achar que onde ele estuda, não tem um perfil ideal para se aprender a língua inglesa. Como a maioria dos alunos que estudam na EP, são pessoas de baixa renda e não tem condições de pagar um cursinho, eles desacreditam totalmente de um dia aprender a língua inglesa, sendo que o que só falta para esse aluno é interesse e determinação. A escola pública pode ser sim um instrumento ou uma porta para se aprender inglês, só basta ter um bom professor e empenhar-se.

Uma crença bastante comum entre os alunos de escolas públicas é que só se aprende L.I quando vai para os Estados Unidos, a maioria deles acham que esse é o único país em que se fala inglês e que indo para lá, ele irá aprender a língua e realmente se tornar fluente. Para muitos deles o inglês tem que ser exatamente perfeito e tendo que falar igual aos nativos da língua e eles não notam que isso é impossível, porque os nativos falam a língua materna deles,

---

<sup>2</sup> Cursos de língua pagos, privados, franquias.

igual nós temos a nossa língua materna que é português. A segunda língua é adquirida para um meio de comunicação para compreender e só se pode falar como os falantes maternos se você nascesse por lá.

Outra crença recorrente é de que o professor é único responsável pela aprendizagem do aluno, e eles acham que só é o professor passar conteúdo em sala de aula que já é o suficiente, sendo que o aluno deve continuar os seus estudos em casa e estar sempre pesquisando e estudando. E para fundamentar melhor essa crença, LEFFA (2011) diz que “A metáfora é surrada, mas cabe aqui: o aluno não cresce; permanece na vida como eterna lagarta, negando-se a comer as folhas que o transformariam numa borboleta capaz de voar além do casulo.” (p. 24) E é com esse pensamento que podemos afirmar que a maioria dos alunos se negam a buscar conhecimento, o que seria para eles a chave para o desenvolvimento como estudantes e quem sabe até entender melhor a função do inglês em suas vidas e estar em constante aprendizagem para trazer melhoras, já que muitos julgam que carga horária da escola é insuficiente para aprender a LI.

Para os alunos o professor só pode ser professor se souber fluentemente a língua, e esse fato é bem interessante, porque no momento em que lecionávamos nas escolas, ocorreram diversas vezes dos alunos ficarem testando se realmente falávamos ou sabíamos inglês. Faziam algumas perguntas para traduções e dava para ver que eles realmente estavam só nos submetendo a um teste. Era possível ver que eles riam antes de fazer a pergunta e ficavam cochichando entre eles e aquilo não parecia algo saudável sem boas intenções. O professor de certa forma sofre algumas pressões em torno das crenças que os alunos possuem, e isso pode prejudicar o mesmo em relação a motivação.

Uma crença bem explícita pelos alunos é de dizer que nunca irá conseguir aprender inglês, porque é uma língua bastante complicada. Ainda tem muitos que falam “eu sei mal o português professora.” Estes são discursos presenciados por muitos professores e que estão cada vez mais usados nos dias atuais. Barcelos comenta sobre essa crença, dizendo que:

“Não consigo aprender inglês”: mais uma vez, uma visão determinista. Todo mundo consegue aprender, desde que se dedique, pratique e se esforce. Quando incorporo essas crenças, estou me excluindo da oportunidade de aprendizagem, da comunidade prática, ou da comunidade imaginada da qual gostaria de fazer parte. (Barcelos apud Conceição p. 30)

Esse discurso usado pelos alunos de L.I, é muito desmotivante e causa uma certa tristeza nos discentes. Se os alunos fossem mais determinados a aprender sem reclamar ou se excluíssem tão precipitadamente, seria mais fácil transformar seus diversos pensamentos

negativos existentes em relação a L.I. Eles julgam muito antes mesmo de tentar aprender, antes de buscar entender os princípios e benefícios de aprender uma segunda língua (cultura).

### **1.3 Os diversos fatores que desencadeiam desmotivação e se transforma em crença**

“Na escola de pobre, o aluno não estuda e nada acontece; o professor não ensina e nada acontece; o governo não faz cumprir as leis que ele próprio cria e nada acontece” (Lima, 2011, p. 25). Com base nestas palavras de Lima, podemos fazer a seguinte análise: que todos os envolvidos na educação das redes públicas, carregam culpas de um ensino falhado e sem estímulos podendo desencadear as crenças.

A Crença pode mudar muita coisa, pode acabar com sonhos de muitas pessoas. Diversos alunos sonham muito em estudar inglês e gera muita expectativa em aprender, mas o professor que tem consigo a crença de que nenhum aluno de escola pública irá aprender ou prestar atenção nas aulas, e acaba indo para a sala de aula com materiais desmotivadores e sem interação, faz com que o aluno perca a credibilidade tanto pelo professor, quanto pela a disciplina. O mesmo acontece com professores que vão para a sala de aula com materiais altamente qualificados e interativos, e os alunos que acabam estragando tudo o que o professor construiu, para que aquela aula fosse perfeita, por acreditarem que inglês não se pode aprender no ambiente público em que ele se encontra. Que o inglês só aprende em cursinhos ou em escolas particulares e não dando espaço para o professor.

O professor e os alunos podem estar bastante motivados em ensinar e aprender, mas o governo não disponibiliza cursos de qualificação para o professor, não obedece aos seus próprios regimentos que impõe para as escolas e não disponibiliza recursos tecnológicos para que as aulas possam acontecer de forma produtiva e eficaz.

Com base nas palavras da autora Paiva (2011, p. 35) relata que “Ao longo de minha carreira, pude perceber que ensino ruim ou de qualidade não é privilegio da educação pública e que muitas escolas particulares também ficam devendo ao aluno ensino de qualidade.” Isso realmente acontece e não são todas as escolas públicas que são taxadas como ruins. Assim como existem as ruins também existem as escolas que possuem um histórico bom, seja ela por parte dos três integrantes que compõem uma escola; Aluno, professor e governo. Alunos que tem um bom desempenho escolar, professores bem qualificados e o governo por disponibilizar alguns materiais tecnológicos. As escolas ou cursinhos particulares que também tem seus históricos ruins, claro que não é tão evidente ou na mesma proporção, como acontece com as escolas públicas.

As escolas particulares ou cursinhos também cometem o mesmo erro em contratar um professor não qualificado ou não formado na área da possível atuação. Os alunos das escolas particulares também podem ter a mesma crença que um aluno da escola pública, de que o inglês não se aprende na escola e sim no cursinho, e os alunos de cursinhos a crença de que só aprende indo para outro país e falando com nativos. Assim como o proprietário da escola, que tem o mesmo papel do governo, de não ser atento em relação a qualificação do corpo docente e falhar nesse quesito e em outros que de alguma forma não torne a tal escola particular admirável.

## **CAPÍTULO II – PROCESSOS METODOLÓGICOS**

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa-ação, que foi realizada com alguns alunos de uma instituição de ensino pública, sendo uma pesquisa qualitativa, abordando as tais crenças expostas dentro da realidade de L.I, com base nos alunos da escola pública do ensino EJA. A ação desta pesquisa foi desenvolvida com objetivo de tentar mudar pensamentos em relação as crenças expostas por estes alunos, reforçamos que: “identificação de estratégias de ação planejada que são implementadas e, a seguir, sistematicamente submetidas a observação, reflexão e mudança” (DAVID TRIPP 2005, apud Grundy; Kemmis, 1982).

E com suporte no que dizem os autores em relação a mudança, pode ser que os alunos terão ou não mudado seus pensamentos negativos ou crenças sobre a língua inglesa ensinada na instituição pública. Os dados que irão apontar as possíveis ou não mudanças, estarão presentes no terceiro capítulo do trabalho.

### **2.1 As oficinas da ação ENGLISH MOTIVATION**

A criação destas oficinas surgiu, a partir da minha orientadora que trabalha constantemente com projetos de formação de professores, juntamente com uma colega e colocamos este projeto em ação para (re)significação das crenças enraizadas em diversos alunos. O projeto *ENGLISH MOTIVATION* foi realizado com o objetivo de analisar e promover mudanças no segmento EJA, nas crenças dos alunos com relação à aprendizagem de Língua Inglesa (LI). Mapeamos o que os alunos (as) pensam sobre a LI antes das oficinas e depois delas. Pedimos a eles que se expressassem por meio de desenhos e um pequeno relato do que pensavam sobre a LI, depois trabalhamos com atividades lúdicas em quatro oficinas. Ao final das oficinas, observamos se as atividades exercidas com estes alunos mudaram ou não seus pensamentos e crenças com relação à Língua Inglesa, pedindo a eles para que desenhassem novamente suas percepções.

### **2.2 Materiais e atividade trabalhadas nas oficinas**

**Primeira etapa:**

**Data da realização: 23/09/2019**

**Desenhar e fazer um texto**

**Objetivo:** Coletar dados.

**Desenvolvimento:** Os alunos terão que desenhar o que eles pensam sobre a língua inglesa enquanto estudantes de L.I e fazer uma pequena narrativa.

**Material:** Folha A4 e lápis de cor.

**Segunda etapa:**

**Data da realização: 30/09/2019**

**Tic-tac-toe (Jogo da velha):**

**Objetivos:** Trabalhar vocabulário.

**Material necessário:** Quadro; folha de papel ou cartaz com fita crepe.

**Como jogar:** A lógica da atividade é conseguir dispor, em linha reta ou em diagonal, três campos com o ícone do indivíduo ou da equipe (X e O). A diferença é que, para ter direito a marcar seu símbolo no quadro, os alunos devem responder corretamente a uma pergunta, o que dá mais chances de ganhar o jogo ao grupo que responder a mais perguntas certas.

**-Broken Telephone (Telefone sem fio):**

**Objetivos:** Praticar a oralidade; desenvolver vocabulário ou estruturas pré-definidas.

**Como jogar:** O primeiro participante diz uma palavra ou frase ao ouvido do aluno à sua direita, e assim sucessivamente, até que se complete o círculo do grupo. O último aluno deve dizer em voz alta o que escutou. Como geralmente o que se disse no começo não coincide com o que se diz no fim, pode-se reforçar a importância da pronúncia e da memória.

**-Mime (Mímica):**

**Material necessário:** Papéis (fichas) preparados pelo professor com vocabulário previamente apresentado em sala de aula.

**Como jogar:** Um aluno vai até à frente da turma, retira uma das fichas e faz a mímica correspondente ao que está registrado no papel, para que seu grupo tente adivinhar o que ele está encenando. Caso o grupo não saiba ou não acerte, a chance é passada para a outra equipe. Os grupos ganham um ponto cada vez que acertarem a frase ou palavra representada pela mímica. O jogo termina quando todos tiverem participado e a equipe que conseguir mais pontos é a vencedora.

**-Hangman (Forca):**

**Material necessário:** Quadro; papéis com palavras.

**Objetivos:** Revisar ou trabalhar vocabulário já apresentado; praticar a pronúncia de palavras e praticar ortografia.

**Como jogar:** O professor prepara previamente pequenos pedaços de papel com vocabulário já visto em sala de aula. Um participante de cada grupo sorteia um dos papéis e, no quadro, faz o desenho de uma “forca” e o número de traços correspondente ao número de letras da palavra. As outras equipes, em ordem, tentam adivinhar as letras que formam o vocábulo. Cada vez que uma letra estiver correta, o aluno a escreve no quadro, acima do traço correspondente. Caso a letra que o aluno fale não faça parte da palavra, são desenhadas as partes do corpo de um boneco na forca. Se os participantes disserem seis letras que não fazem parte da palavra (cabeça, corpo, 4 membros), o boneco é “enforcado” e ninguém ganha pontos. Os grupos só pontuam cada vez que acertam a palavra. Eles podem tentar dizer a palavra em qualquer momento, mas se um integrante disser a palavra errada, a equipe toda fica fora do jogo naquela rodada.

### **Segunda etapa: 07/10/2019**

#### **Caça palavras:**

##### **Objetivos**

Memorizar a escrita, perceber a diferença entre a pronúncia e a escrita, desenvolver o raciocínio e ampliar conhecimento do aluno.

**Materiais:** 1 Cartela de ovo, 1 E.V.A branco, 1 Pincel preto e tampas de garrafa pet.

##### **Desenvolvimento**

Os alunos adaptaram um caça palavra que já havíamos trabalhado com eles e só passaram do papel para um material mais elaborado.

O Caça Palavras é uma atividade lúdica ótima para trabalhar com alunos de as idades, essa brincadeira visa treinar a sua habilidade de percepção, pois nele você deve encontrar palavras que estão escondidas no meio de várias letras.

**Duração:** 10 minutos.

#### **Roleta inglesa:**

**Objetivos:** Conhecimentos prévios da cultura inglesa, conhecimentos gramaticais e vocabulário

**Desenvolvimento:** Com papeis coloridos, colas e tesouras os alunos, orientados pela professora, construirão em sala de aula uma Roleta do inglês, nesta roleta foi abordado vários

temas, tais com: temas culturais, gramaticais etc. Vários temas simples foram posicionados na roleta e, ao girarem a haste, dependendo da cor era feita uma pergunta cada giro, uma nova pergunta ao grupo e, assim, quem acertasse mais números de pergunta ganharia.

**Materiais:** Papeis coloridos, Tesoura, Cola.

**Duração:** 20 a 30 minutos.

### **Postcards:**

**Objetivo:** Trabalhar o Writing, Speaking e Reading.

**Desenvolvimento:** Os estudantes produzem cartões-postais com imagens de pontos turísticos ou informações relevantes sobre a cidade onde moram. No verso, escrevem um pequeno texto, contando um pouco sobre o local escolhido e sobre eles próprios. Terminada essa etapa, é necessário fazer contato com uma escola de outro país que queira trocar os postais com a turma.

**Materiais:** Papel, lápis, imagens.

**Duração:** 15 a 20 minutos.

### **Poema:**

**Objetivo:** Trabalhar vocabulário e o Writing, Speaking, Reading.

**Desenvolvimento:** Os poemas serão primeiramente lidos pela professora em inglês e depois os alunos também terão que ler. Depois da leitura os demais irão procurar palavras em inglês que eles conheçam e passar para o caderno o maior número de palavras possíveis.

**Material:** Poema impresso.

**Duração:** 20 minutos.

### **Quarta etapa:**

**Data da realização:** 21/10/2019

**Desenhar e fazer um texto**

**Objetivo:** Coletar dados.

**Desenvolvimento:** Os alunos terão que desenhar o que eles pensam sobre a língua inglesa enquanto estudantes de L.I e fazer uma pequena narrativa.

**Material:** Folha A4 e lápis de cor.

## **2.3 Local da realização das oficinas**

Para divulgação das oficinas fizemos um convite através de um comunicado oral, com intuito de que todos aparecessem nas próximas aulas para participarem das ações. O projeto foi feito para todos os perfis de alunos que ali estavam e para todos aqueles que fossem com o propósito de assistir as aulas de inglês e o mesmo tempo estar nas oficinas.

Em constante observação em relação aos alunos presentes, percebemos que muitos alunos faltaram e não participaram de todas as atividades propostas, apesar de que os poucos alunos que participaram, se mostraram bastante motivados, pois as aulas anteriores não tinham atividades lúdicas.

As atividades tinham duração de 40 minutos, pois usamos as aulas do Residência Pedagógica (doravante RP) para a realização deste projeto, com o objetivo de alcançar o maior número de alunos possíveis da turma alvo.

A escola a qual trabalhamos, era uma escola regular do ensino, e as ações aconteceram nos dias 23/09/2019 havendo 22 alunos, 30/09/2019 havendo 15 alunos, 07/10/2019 havendo 14 alunos e 21/10/2019 havendo 21 alunos. As atividades aconteciam sempre no horário das aulas noturnas, das 19h30 às 20h10, e dentro das salas de aulas da unidade escolar.

## **2.4 Perfil dos estudantes**

Os alunos da turma do 2<sup>a</sup> ano do ensino EJA que participaram da pesquisa, eram compostos por vários tipos de padrões, incluindo; pessoas mais velhas, adolescentes, classe sociais diferentes, alunos esforçados, alunos desinteressados, alunos que faltavam aula por causa do trabalho e outros fatores. Com esses diversos perfis já pensamos em diversas crenças, e eles foram capazes de mostrar que independente da sua classe social ou idade, as suas crenças são distintas.

Dentro da sala de aula podíamos ver alunos desmotivados e sem ânimos para dinâmicas ou outras atividades. Quando pedimos para fazer o primeiro desenho, encaramos muitas críticas, porque muitos alunos não queriam desenhar e inventavam algumas desculpas, mas com bastante dialogo fomos mudando as suas atitudes e conseguimos fazer com que eles desenhassem.

No final das oficinas pedimos para que eles desenhassem novamente, e mais uma vez nos deparamos com algumas reclamações, só que não da mesma proporção que a primeira etapa, e isso já nos mostra uma diferença e que tem mostrado bons resultados.

## 2.5 A escolha dos integrantes da pesquisa

O total de participantes das oficinas eram de vinte e um alunos, mas com as faltas de alguns, escolhemos sete alunos que participaram efetivamente de todas as etapas das atividades, apresentando assim um melhor resultado as pesquisas. Entre os participantes estão três do gênero masculino e quatro do gênero feminino. Estes alunos foram escolhidos com a finalidade de analisarmos os seus desenhos que foram produzidos, em relação ao que eles achavam da língua inglesa enquanto estudantes da disciplina de L.I. Os nomes dos demais alunos são nomes fictícios, a fim de preservar suas reais identidades.

Nomes dos sete alunos:

- Léia
- Camila
- Lenice
- Naldo
- Paulo
- Lilian
- Luan

## 2.6 Os desenhos como foco da pesquisa

As atividades exercidas dentro programa de ação nomeado *ENGLISH MOTIVATION*, tiveram como função mudar os pensamentos dos alunos participantes, em relação as crenças existentes na comunidade escolar de ensino regular pública. E a elaboração destes desenhos aconteceram em dois momentos, sendo um inicial, antes de acontecer as oficinas e outro final, depois das ações.

Pedimos para que alguns alunos da escola pública VILA NOVA, se expressassem por meio de dois desenhos e uma oficina, caracterizada como ação para uma possível ressignificação dos alunos em relação a língua inglesa. O desenho inicial nós pedimos para que eles desenhassem no papel o que eles pensavam ou achavam da língua inglesa enquanto alunos de LI e em seguida que fizessem uma escrita a partir do desenho feito. No final das oficinas pedimos novamente que fizessem um desenho com a mesma proposta do primeiro, e baseado em toda essa trajetória o desenho final foi a parte conclusiva em nos mostrar se as crenças dos demais alunos foram ressignificadas ou não.

Ideia era com que a partir dos desenhos, pudéssemos observar se houveram mudanças entre o primeiro e o último desenho, referente as crenças envolvidas ali naquele grupo de alunos. A imagem com a ajuda da escrita dos alunos, nos levaram a respostas tanto visuais como descritivas, nos trazendo respostas bem significativas. Não foi uma tarefa considerada fácil, pois haviam alguns alunos desanimados e faltosos. Com essas atividades obtivemos materiais o suficiente para uma resposta bem satisfatória e conclusiva de pesquisa.

## **2.7 O desenho e suas manifestações**

Para Mastrella (2002) “Crenças são interpretações da realidade socialmente definidas que servem de base para uma ação subsequente.” (p.31) E com base nas palavras do autor, estabelecemos que os desenhos são fontes de acesso a certas experiências e ou vivências. Como as crenças e o senso comum se manifestam na sociedade, o indivíduo cresce nesta ‘formação’, constituindo para si estas informações de caráter estereotipados da LI que podem ser visivelmente expressados pelos desenhos feitos por estes alunos da EJA.

Quando a submissão à perspectiva entra no desenho da criança, atinge proximidade visual com a arte do adulto – circunscrita a uma determinada cultura visual. A partir daí só a habilidade técnica estabelece as diferenças individuais. A tese de Luquet, brilhante para a época, não considera, como nós, hoje, que a compreensão que a criança tem sobre o desenho está ligada ao sistema de significações da linguagem e a sua construção cultural. (Bombonado e Farago, *apud* IAVELBERG, 2013, p. 39)

Quando IAVELBERG (2013) fala que Luquet não acredita que os desenhos não tem ligação com a linguagem ou com a construção de cultura, e diante destas palavras afirmamos que sim, tem vínculo, e que quando criança, as pessoas já vivem em meio as crenças e o longo de sua formação como um ser sociável. As crianças quando desenhavam, elas já podem mostrar os sinais de suas crenças e quando está na fase adulta o indivíduo confirma ainda mais a sua convicção, que vem desde a sua infância, ou seja, faz parte de sua cultura ou experiência de vida.

Os desenhos dos alunos são cheios de significados, por exemplo: As cores vermelha e preta tem um significado ruim nos desenhos; fazer um rosto triste, também tem um significado bastante explícito em um desenho, porque entende-se que o aluno guarda algum sentimento ruim de tal coisa. Quando é uma paisagem bonita, coração, flores e outros modelos, leva a crer que o aluno gosta da disciplina, mesmo que tenha alguma dificuldade.

Estes são fatos que mostram, que as crenças sofrem processos de modificação ou fortificação, sendo ela negativa ou positiva. Podemos afirmar que maioria das vezes as

crenças são negativas e enraizadas de criança até a fase adulta, trazendo um auto índice de pessoas que não gostam da disciplina de inglês, por causa das crenças.

A criança, por exemplo, passa a receber desde muito cedo as influências dos elementos da sua cultura que são transmitidos pelos mais experientes, sejam adultos ou mesmo crianças. Essas últimas recebem as influências de outros e assim sucessivamente. (SILVA, 2011, p. 83 *apud* Marins, 2005, p. 40)

No desenho o aluno vai reproduzir aquilo que acredita, e com base nos desenhos veremos as suas crenças acerca do ensino e aprendizagem de língua inglesa.

“O desenho é uma representação onde a criança expressa, seus sentimentos, anseios e realidades.” (SANTOS e SILVEIRA, p. 155) Os sentimentos expostos por desenhos, não é de difícil percepção, porque através do olhar, podemos enxergar no material produzido o amor, tristeza ou raiva. E rapidamente já sabemos o que se passa entre o aluno e disciplina. E deste mesmo modo, podemos visualizar tanto os anseios como a realidade e qualquer outro tipo de sentimento.

A realidade retratada nos desenhos feitos pelos alunos do ensino EJA, são as crenças que foram desenhadas, assimiladas e disseminadas em um papel. Elas são vistas com facilidade, através dos traços e cores.

O desenho pode ser uma forma de explicitar uma crença não verbal ou não articulada que os alunos podem ter e não demonstrar. A imagem pode ser uma maneira não verbal de expor uma crença não explícita e não verbalizada por aquela pessoa da qual não demonstra não ter nenhuma crença ou problema com a língua inglesa. As vezes nem ele (a) é capaz de identificar a crença existente em seu interior e o desenho pode ajudar a evidenciar essa convicção camuflada. E aos que já tem suas crenças bastantes visíveis, o desenho só tem a função de manifestar e deixar ainda mais visível a seu ponto de vista quanto ao inglês.

## CAPÍTULO III - RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados das análises feitas nos desenhos e a partir das oficinas, cujos foram executados em sala de aula, com os alunos do ensino EJA, e estas foram formas de identificar as crenças que ali estavam presentes. Esta foi uma ação que trabalhamos com eles, com o intuito de mudar seus pensamentos negativos e crenças em relação a LI, mostraremos a seguir se essas crenças realmente foram capazes de serem mudadas ou não através deste projeto de ação.

A primeira etapa foi observar os desenhos feitos pelos alunos do ensino EJA, podemos perceber que na maioria dos alunos as crenças estão bastante enraizadas em relação a aprendizagem de inglês.

Os períodos de realização das oficinas de língua inglesa, foram nos dias 23 e 30 de setembro e 07 e 21 de outubro de 2019, na escola estadual de vila nova em Araguaína – TO, com participação dos alunos do 2ª ANO do EJA.

### 3.1 Relatos dos desenhos

Através dos dados coletados vamos analisar as crenças dos alunos em relação a língua inglesa e fazer algumas comparações entre os desenhos feitos antes das ações e depois das mesmas. Os alunos tiveram algumas dificuldades em assimilar o que teria que ser feito inicialmente, e até demoraram para desenhar, cremos nós que seria buscando ideias para dizer o que o inglês representava na vida deles enquanto estudantes de L.I, algo bastante difícil para esses estudantes, pois eles nunca lidaram com uma atividade como esta.

A seguir vamos colocar as reflexões feitas pelos alunos antes das oficinas e foram escritas no mesmo papel em que foram feitos os desenhos. Destacamos narrativas no quadro abaixo como:

Quadro1: REFLEXÃO DOS PARTICIPANTES SOBRE A L.I	
Léia	“Inglês é muito complicado, pois não entra na minha mente!!! Quando começo a estudar tudo se embaralha, e me bate o desespero.”
Camila	“Esse emoji é como o inglês, o inglês é um idioma que temos que aderir em nossas vidas, uma linguagem importante.”

Lenice	“Eu não gosto de inglês porque eu acho muito difícil não entra na minha cabeça, é muito complicado.”
Naldo	“O inglês é como um raio que dá em todo lugar.” “O inglês é muito importante porque sempre precisamos não sabemos quando vem a oportunidade e um dia saímos para outro país por isso devemos aprender a língua inglesa.”
Paulo	“Eu gosto muito de inglês tenho muita vontade em aprender falar as palavras corretas.”
Lilian	“English is amazing I love English.”
Luan	“Representa a um país que fala inglês.”

Quadro 1: Relatos dos participantes *ENGLISH MOTIVATION*.  
Fonte: Autor

A seguir vamos colocar as reflexões feitas pelos alunos depois das oficinas e foram escritas no mesmo papel em que foram feitos os desenhos. Destacamos narrativas no quadro abaixo como:

Quadro 2: REFLEXÃO DE SI SOBRE A L.I – (RE)SIGNIFICAÇÃO	
Léia	“O inglês para mim é um meio muito útil e essencial para conhecer novos lugares, viajar para o estrangeiro, e também melhorar meu currículo e conseguir um emprego com um salário elevado!!!
Camila	“Esse desenho representa que o inglês é uma linguagem importante em nossas vidas, não dependemos só do português nessa vida, mas sim do inglês.”
Lenice	“O inglês pra mim, é uma matéria que eu tenho muita dificuldade, não por falta de interesse mais é porque não entra mesmo na minha cabeça. Mais depois que vocês começaram a ensinar aqui na sala ficou bem melhor, vocês são boas. Gosto muito de suas aulas.”

Naldo	<p>“Devemos ter sempre oficinas. Eu gostei muito. Eu aprendo mais com as aulas práticas também.”</p> <p>“O inglês pra mim é muito bom. Quando falamos o inglês estamos com tudo, pois devemos andar pra muitos lugares.”</p> <p>“É igual estar em uma sombra tomando água de coco gelada devemos aprender o inglês.”</p>
Paulo	<p>“O inglês representa uma língua muito importante para mim.”</p> <p>“Eu gostaria muito de aprender falar em inglês. É muito legal.”</p>
Lilian	<p>“O inglês é uma matéria desafiadora e interessante. Gosto da matéria porque é importante para o meu futuro. Tenho ótimas professoras.”</p>
Luan	<p>“Não entendo muita coisa, mas gostaria de aprender sobre o inglês, porque quero viajar, sair para conhecer novos países, conhecer novas culturas, novos lugares, mas acho o inglês muito difícil.”</p>

Quadro 2: Relatos dos participantes *ENGLISH MOTIVATION*.

Fonte: Autor

### 3.2 (Re)significação e análise das narrativas feitas através dos desenhos

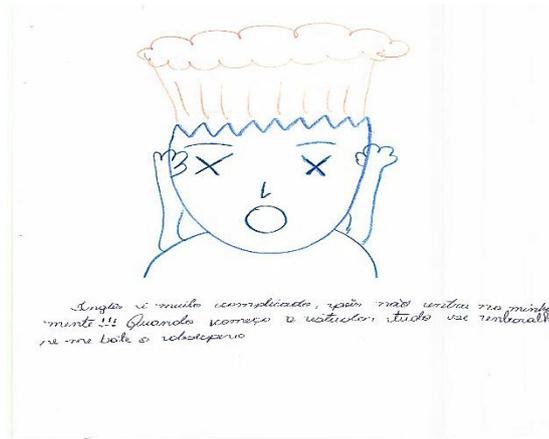
Barcelos (2006, P.18) destaca que:

(...) como uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos; co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxicais. (SILVA, p.36 *apud* Barcelos, 2006, p. 18)

De acordo com autora diz que é possível identificar que vários alunos tem a mesma crença e isso de fato mostra que dentro da sociedade uns influenciam outros e os pensamentos dos demais são similares, não de todos, mas da grande maioria. As oficinas foram preparadas com a função de modificar os pensamentos dos alunos do ensino EJA. Fizemos uma comparação acerca do primeiro e último desenho, afim de mostrar as mudanças ou não mudanças ocorridas, com um projeto de incentivo com as atividades que foram feitas com estes alunos.

A seguir vamos destacar as narrativas juntamente com o desenho produzido pelos participantes e fazer a comparação do antes e depois das atividades desenvolvidas e abordar as crenças expostas.

Figura 1: 1º Desenho feito por Léia



O desenho feito na primeira etapa das oficinas pela aluna é um emoji (expressões emocionais usadas em forma de ideogramas ou desenhos), que caracteriza desespero e algo bastante ruim. Isto é baseado em uma crença negativa somado ao seu relato descrito abaixo:

<b>Quadro 1</b>	
<b>Relatos de si sobre a L.I</b>	
Léia	“Inglês é muito complicado, pois não entra na minha mente!!! Quando começo a estudar tudo se embaralha, e me bate o desespero.”

A participante mostrou no primeiro desenho confeccionado, que a dificuldade em aprender inglês é muito grande, chegando a ser uma aflição em sua vida. Assim apresentando um discurso negativo em relação a língua inglesa e expondo uma crença bastante comum, aquela que muita gente usa: “eu não consigo aprender inglês”, se auto desmerecendo, sem ao menos abrir espaço para a tentativa de aprender.

Nota-se o discurso de auto exclusão no relato de Léia. De acordo com Leffa (2007) o sujeito em determinados momentos transmite a vontade de se excluir de alguma forma do grupo em que ele está inserido, parecendo ser uma escolha que ele mesmo teve, sem perceber que sofre influência dos discursos sociais que excluem alguns sujeitos, principalmente os de

classes menos favorecidas e que, muitas vezes, estudam nas escolas públicas. O Indivíduo pode ser influenciada e nem perceber a interferência que o outro causou, e se o aluno é desmotivado ele simplesmente vai seguir as tradições de auto exclusão e de crenças.

A participante pode estar passando por um processo de exclusão, na qual seu grupo é formado por pessoas desmotivadas e cheias de crenças negativas. Quando muitos ao seu redor dizem que não conseguem aprender inglês, isso faz com que ela reproduza o mesmo discurso e acabe colocando em prática sem antes ter sido orientada pelo professor, ou não conhecido os princípios e propósitos da LI em sua vida tanto como estudante quanto como sujeito social.

Figura 2: 2º Desenho feito por Léia



Depois das experiências adquiridas nas oficinas, a participante elaborou outro desenho com a seguinte narrativa:

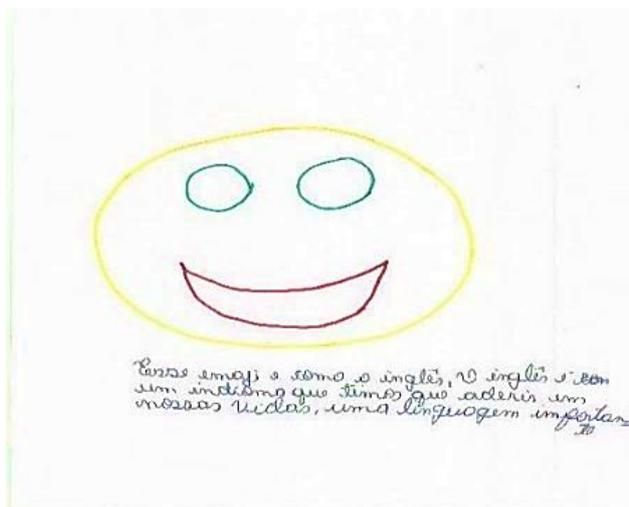
<b>Quadro 2</b>	
<b>Relatos de si sobre a L.I.</b>	
Léia	“O inglês para mim é um meio muito útil e essencial para conhecer novos lugares, viajar para o estrangeiro, e também melhorar meu currículo e conseguir um emprego com um salário elevado!!!

No segundo desenho a participante já relata que o inglês é proveitoso. Só em falar isso, já podemos perceber que ela mudou seus pensamentos em relação a língua inglesa, mas em alguns pontos ela acaba destacando algumas de suas crenças, que estão presentes no momento em que ela fala “viajar para o estrangeiro”, “emprego”, “salário elevado”, palavras que são utilizadas nos discursos de senso comum e que dão elevado ‘status’ aos falantes de LI. Segundo Barcelos (2001) “As ações e reflexões sobre experiências podem levar a mudanças ou criar outras crenças” (p.342). Com base no que diz a autora, é notório que a

aluna retirou o seu pensamento negativo referente a LI, mas ainda continuou a ter crenças. Entendemos que aprender LI não serve somente para os propósitos citados em sua segunda narrativa. Ela não menciona outros papéis para a LI, tais como, ampliar horizontes, ler, conhecer sobre variados assuntos por meio de vídeos, séries, livros, arte e etc.

Observamos que o inglês é visto por muitas pessoas como uma ferramenta de utilidade somente quando se vai viajar ou trabalhar, e isso já é considerado uma crença bem comum na sociedade em geral. Tal fato, deve ser tratado com mais afinco nos cursos de formação de professores. Não aprendemos a LI apenas para viajar ou para trabalhar, mas também para nos conectarmos com a diversidade cultural, a comunicação intercultural, novos saberes que podem ser adquiridos via leituras em diferentes áreas. A aula de LI é um campo aberto para a interdisciplinaridade. É necessário que haja rupturas e desconstruções de pensamentos que engessam a aprendizagem ou impõem objetivos que parecem inatingíveis para os alunos devido à sua classe social. Alguns discursos excluem sutilmente e precisamos trabalhar isso nas aulas de LI.

Figura 3: 1º Desenho feito por Camila



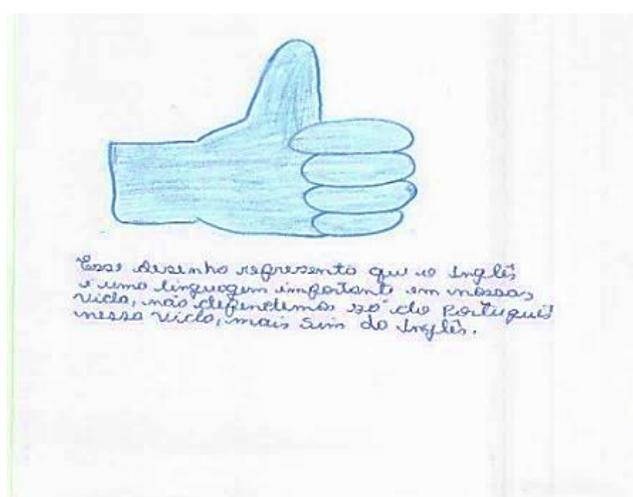
O primeiro desenho criado pela participante, é um emoji que expressa felicidade e com o seu relato ela complementa:

<b>Quadro 3</b>	
<b>Relatos de si sobre a LI</b>	
Camila	“Esse emoji é como o inglês, o inglês é um idioma que temos que aderir em nossas vidas, uma linguagem importante.”

A participante no seu primeiro desenho, apresenta traços de positividade sobre a L.I. Ela demonstra que a LI é importante e deve ser aprendida. Não há traços negativos e a aluna parece acreditar e sentir vontade de aprender. Diferentemente dos outros alunos, Camila não diz ser difícil ou penoso aprender.

Notamos, porém, no relato de Camila que ela não diz o porquê da LI ser importante, talvez ela esteja apenas reproduzindo o discurso social. Muitas pessoas sabem e falam que o inglês é importante, mas não exploram os recursos e nem os métodos de aprendizagens que a LI oferece, não tem autonomia para buscar fora da escola e acabam esperando apenas pelo professor. Camila parece manifestar um sentimento verdadeiro, talvez precise ser mais motivada para se sentir autônoma e aprender a língua sem barreiras.

Figura 4: 2º Desenho feito por Camila



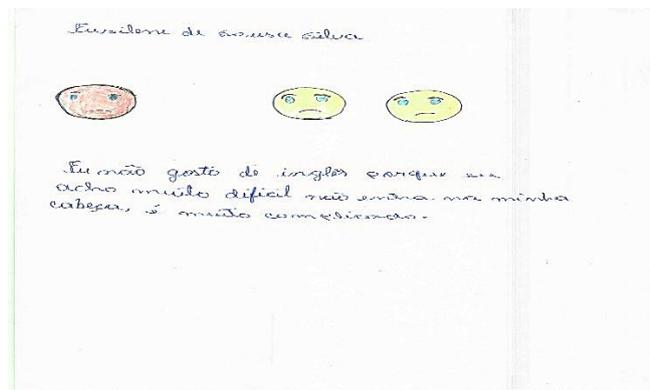
#### Quadro 4

##### Relatos de si sobre a LI

Camila	“Esse desenho representa que o inglês é uma linguagem importante em nossas vidas, não dependemos só do português nessa vida, mas sim do inglês.”
--------	--

No seu segundo desenho, ela reforça a importância do inglês e complementa sua narrativa com outras palavras. Observamos que a participante é mais jovem que os outros participantes e utiliza uma linguagem das redes sociais nos dois desenhos. Penso que ela deve ter mais contato com o mundo digital, possibilitando uma expansão de pensamento. A tecnologia, muitas vezes, abre os horizontes sem nem mesmo percebermos. Porém, não deixamos de observar que a participante pensa que dependemos da LI como língua adicional, o que também é uma crença, pois a LI tem diversos campos e nós não somos dependentes a ponto de usarmos somente a LI. Temos diversas línguas/culturas no mundo e cada uma delas tem muita importância não só para quem a usa como língua materna, mas para todos nós que estamos em constantes buscas por conhecimentos. É importante ressaltar que a aula de LI deve também ser campo de educação linguística, ou seja, necessitamos ter consciência da existência de outras línguas e de sua importância. Dependemos da compreensão de que há outros sujeitos que falam outras línguas. Apesar a LI ser a mais difundida, há outras línguas.

Figura 5:1º Desenho feito por Lenice



#### Quadro 5

##### Relatos de si sobre a L.I

Lenice	“Eu não gosto de inglês porque eu acho muito difícil não entra na minha cabeça, é muito complicado.”
--------	--

O primeiro desenho feito pela aluna Lenice, foi perceptível a sua falta de interesse e desmotivação pela a LI, pois ela fala em sua narrativa sobre a dificuldade em aprender.

“Não consigo aprender inglês”: mais uma vez, uma visão determinista. Todo mundo consegue aprender, desde que se dedique, pratique e se esforce. Quando incorporo essas crenças, estou me excluindo da oportunidade de aprendizagem, da comunidade

prática, ou da comunidade imaginada da qual gostaria de fazer parte. (Barcelos *apud* Conceição, 2011, p. 30)

De acordo com Barcelos (2011), a crença explícita da participante é de colocar dificuldade ao adquirir a língua. É possível aprender se tivermos autoconfiança e nos sentirmos incluídos. Pode ser que tenhamos algumas dificuldades, mas se nos empenharmos, sempre aprendemos algo. Porém, faz-se necessário observar que Lenice não pensa assim aleatoriamente. O discurso de Lenice se assemelha ao de sua colega Camila, isso demonstra que as duas possuem crenças em comum e se sentem incapazes. A incapacidade expressada por é fundamentada pela exclusão imposta por meio dos discursos sociais. A LI deveria ser direito de todos que estão nas escolas, sejam elas públicas ou privadas, mas não é isso que acontece e a autoexclusão aparece constantemente nas falas dos alunos de classes sociais mais baixas.

Figura 6: 2º Desenho feito por Lenice



#### Quadro 6

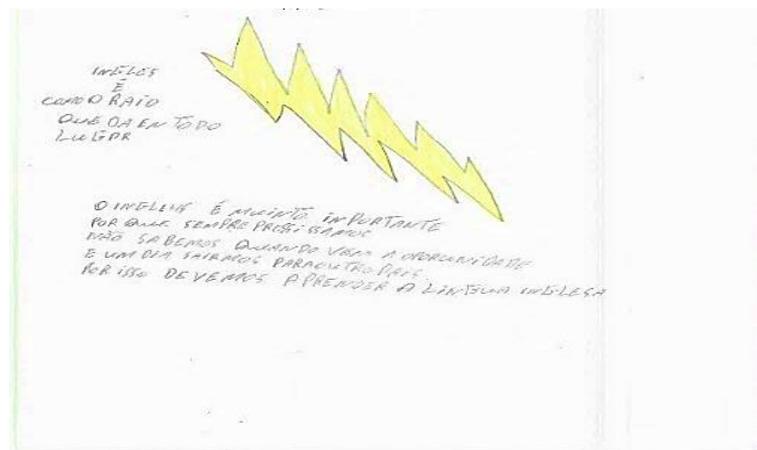
##### Relatos de si sobre a L.I

Lenice	“O inglês pra mim, é uma matéria que eu tenho muita dificuldade, não por falta de interesse mais é porque não entra mesmo na minha cabeça. Mais depois que vocês começaram a ensinar aqui na sala ficou bem melhor, vocês são boas. Gosto muito de suas aulas.”
--------	---

Já no seu segundo desenho, participante Lenice continua a falar sobre sua dificuldade de aprendizagem, mas depois das oficinas ela ressalta que a aprendizagem ficou bem melhor.

Quando a participante fala “mais depois que vocês começaram a ensinar aqui na sala ficou bem melhor” isso nos faz pensar no método anterior de ensino repassado para estes alunos. Será que o professor anterior usava bons métodos de ensino? Será que o professor pensava em uma melhor forma de ensinar estes alunos? Falamos isso, porque a aluna se refere que a nossa forma de ensinar é melhor e faz com que ela goste das aulas. Talvez a crença do professor anterior desmotivou a aluna, ocasionando em uma crença ou travamento. As crenças do professor também podem afetar a forma de aprendizagem do aluno. Se o professor é cheio de crenças e métodos desmotivadores, isso pode afetar a aquisição de conhecimento de seus alunos.

Figura 7: 1º Desenho feito por Naldo



### Quadro 7

#### Relatos de si sobre a L.I

Naldo	<p>“O inglês é como um raio que dá em todo lugar.”</p> <p>“O inglês é muito importante porque sempre precisamos não sabemos quando vem a oportunidade e um dia saímos para outro país por isso devemos aprender a língua inglesa.”</p>
-------	--

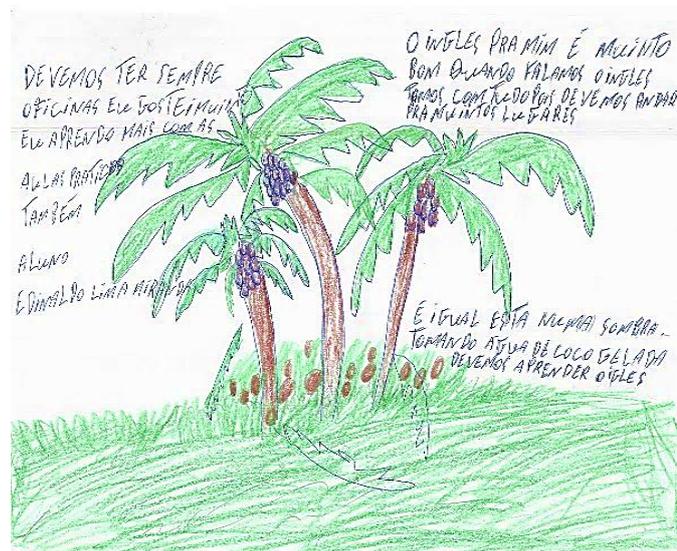
O participante Naldo faz uma primeira frase bem cognitiva. Quando o aluno diz ao comparar o inglês com um raio.

(...) as crenças não são somente um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da

nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca. (Conceição p. 233 *apud* Barcelos, 2004, p. 132).

E com as palavras citadas acima do autor, assimilamos que ele entende a proporção em que a língua é usada e o quanto é importante, mas a segunda narrativa já traz uma crença, da qual já vimos aqui entre outros participantes, podendo comprovar de que é uma crença bem comum entre as pessoas, que é de aprender inglês para simplesmente viajar. Sabemos que a LI pode proporcionar experiências mais amplas e não se resumir apenas a viagens. Através da LI podemos aprender sobre diversos assuntos e transitar por diferentes culturas. A LI é uma porta para a interdisciplinaridade (BRASIL, 2017)

Figura 8: 2º Desenho feito por Naldo



O segundo desenho produzido por Naldo, traz um sinônimo de paz e alegria. Abaixo o aluno faz o seguinte relato:

<b>Quadro 8</b>	
<b>Relatos de si sobre a L.I</b>	
Naldo	<p>“Devemos ter sempre oficinas. Eu gostei muito. Eu aprendo mais com as aulas práticas também.”</p> <p>“O inglês pra mim é muito bom. Quando falamos o inglês estamos com tudo, pois devemos andar pra muitos lugares.”</p> <p>“É igual estar em uma sombra tomando água de coco gelada devemos aprender o inglês.”</p>

Igualmente a primeira narrativa feita pelo participante a segunda também tem crença em seus relatos, quando diz, “pois devemos andar pra muitos lugares” estes lugares seriam as viagens internacionais, da qual as pessoas acreditam que só aderimos a língua inglesa quando se trata de viagens para outros países falantes da língua. Ele também faz uma comparação em que devemos aprender inglês igual em uma sombra tomando água de coco gelada. Então diante destas palavras, ele parece dizer que devemos aprender inglês com tranquilidade e com conforto. O participante parece se sentir mais confortável com a língua ao mencionar estar em baixo de uma sombra tomando água de coco, parece uma situação agradável. Sabemos que para aprender uma língua ou se sentir motivado para fazê-la, é necessário se sentir bem no ambiente em que estamos inseridos. Ele demonstrou mais conforto por meio de uma proposta lúdica, ao compararmos os dois desenhos observamos que no segundo há mais alegria e confiança.

Figura 9: 1º Desenho feito por Paulo



#### Quadro 9

##### Relatos de si sobre a L I

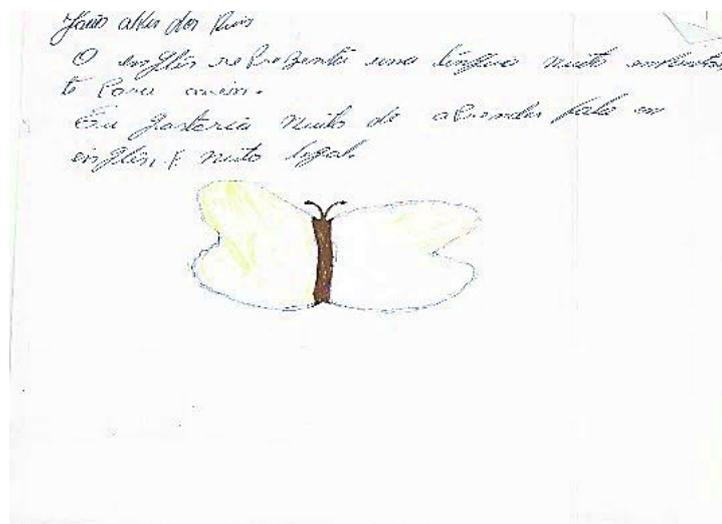
Paulo

“Eu gosto muito de inglês tenho muita vontade em aprender falar as palavras corretas.”

O aluno em seu primeiro desenho fez um skate para comparar com seu relato sobre a LI, o que podemos deduzir acerca do seu desenho é que aprender a LI pode ser divertido como andar de skate, as vezes temos ou não obstáculos, mas aprender uma língua, assim como andar de skate, tem altos e baixos . Possivelmente o inglês seja para ele diversão e haja motivação para aprender, mesmo com algumas dificuldades.

Paulo destaca sobre a vontade de aprender as palavras “corretas” do inglês, e isso demonstra sua crença de um inglês ‘perfeito’. O medo de errar pode impedir que ela faça tentativas. Nos discursos de exclusão uma das principais ideias é separar os que falam o inglês “correto” e os que não “sabem” falar. O inglês como língua franca – língua de contato entre diferentes povos de diferentes culturas ainda é pouco difundido entre professores e alunos. Consta na BNCC que a partir de agora devemos ensinar o inglês como Língua Franca. (BRASIL, 2017). A Língua Franca apresenta características que se diferem do inglês dos nativos de países de língua inglesa. O principal objetivo da Língua Franca é compreender e ser compreendido, portanto há negociações de sentidos entre os falantes e o erro é aceitável, desde que haja comunicação.

Figura 10: 2º Desenho feito por Paulo



#### Quadro 10

##### Relatos de si sobre a L.I

Paulo

“O inglês representa uma língua muito importante para mim.”

“Eu gostaria muito de aprender falar em inglês. É muito legal.”

Já no seu segundo desenho, Paulo já fala que a língua inglesa é importante para ele e destaca novamente a vontade de aprender a falar a língua. Percebe-se que Paulo, dessa vez, não menciona o medo de errar, apontando para a ressignificação de uma crença. Podemos pensar em várias interpretações para o desenho da borboleta, mas pensei na palavra ‘liberdade’. Paulo, ao participar das oficinas lúdicas pode ter perdido o medo de errar, se sentindo mais livre para aprender sem medo de errar, desconstruindo a crença do inglês ‘correto’ e sem erros.

Figura 11: 1º Desenho feito por Lilian



### Quadro 11

#### Relatos de si sobre a L.I

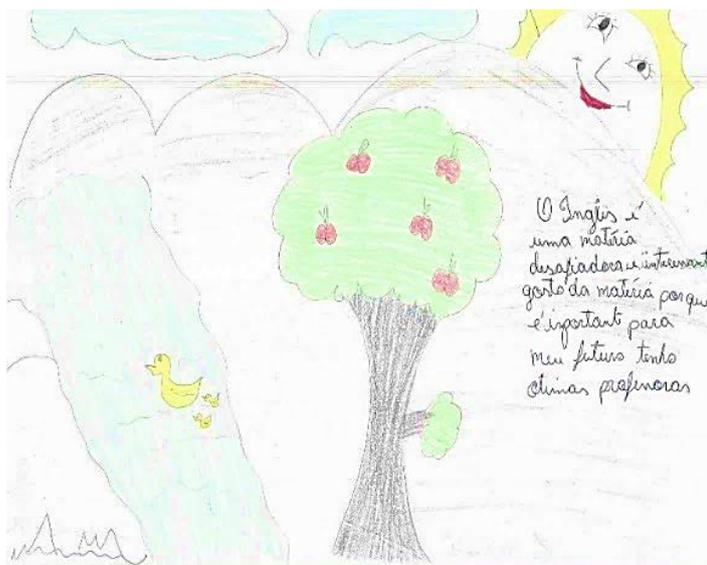
Lilian

"English is amazing I love English."

A participante desenhou uma paisagem que expressa alegria, pelas diversas cores. De acordo com o desenho a aluna diz que o inglês é incrível e que ama a língua, escreveu em inglês, fato este que nos alegrou e mostrou que ela se sente motivada e gosta de aprender e se expressar na língua. Diante dessa narrativa entendemos que alguns alunos da escola pública também acreditam que podem e tem o direito de aprender, basta estudar, correr atrás dos seus objetivos e acreditar, não se excluindo de seus direitos, não acreditando em discursos negativos. Com estas palavras da aluna, acreditamos que não existe só crenças e pensamentos

negativos acerca da L.I, mas também é possível ter alunos que acreditam e que tenham pensamentos positivos. Penso que de alguma forma, a aluna se motivou. O papel do professor é muito importante e ele pode interferir na construção das crenças dos alunos. Se o professor acredita e demonstra por meio de suas aulas, é provável que mais alunos também se sentirão capazes.

Figura 12: 2º Desenho feito por Lilian



### Quadro 12

#### Relatos de si sobre a L.I

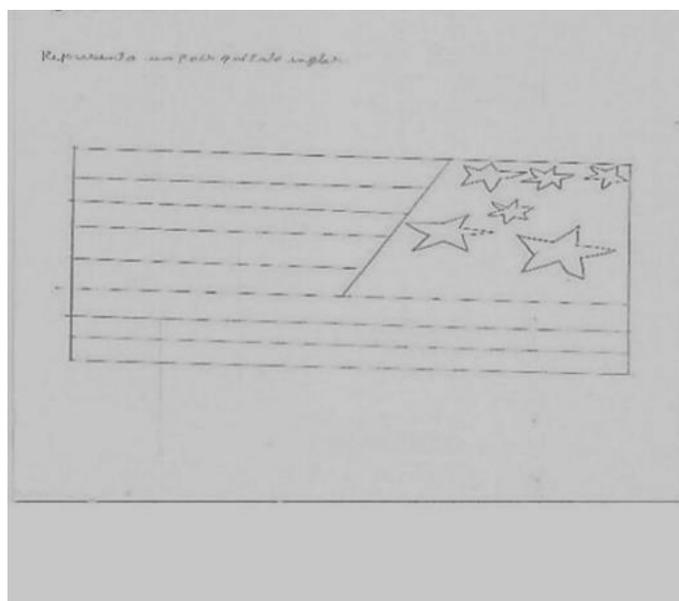
Lilian	“O inglês é uma matéria desafiadora e interessante. Gosto da matéria porque é importante para o meu futuro. Tenho ótimas professoras.”
--------	--

Em seu segundo desenho a aluna fez um desenho bastante harmônico e colorido. Em seu relato ela descreve palavras positivas tanto em relação a disciplina quanto as professoras que fizeram e ministraram as oficinas. Isso nos mostra que antes das oficinas a aluna já estava motivada em relação ao inglês e que depois das ações feitas ali em sala de aula, foi um momento para fortificar seus pensamentos positivamente relacionadas a L.I. E quanto as crenças, se ela tem, não as deixou visíveis, tornando os relatos bastante positivos.

A participante relata “Tenho ótimas professoras” e isso mostra que o professor é um dos responsáveis pela motivação do aluno, então o docente tem que estar sempre em constante aprendizado e sempre buscando métodos para despertar no aluno não só a vontade de

aprender, mas de buscar também por conhecimento durante as aulas e principalmente na sua ausência.

Figura 13: 1º Desenho feito por Luan



### Quadro 13

#### Relatos de si sobre a LI

Luan	“Representa a um país que fala inglês.”
------	---

Este participante de nome Luan desenhó em seu primeiro desenho uma bandeira americana, e em sua fala podemos detectar a crença de que a LI pertence apenas aos EUA. Muitas pessoas acham que o inglês só existe nos EUA, e não tem noção de quantos países usam a língua inglesa como segunda língua ou língua de contato. Pode ser que Luan tenha apreendido por meio das aulas e de outras exposições fora da escola que os EUA representam os falantes de LI. A primeira ideia dele foi de desenhar a bandeira americana como símbolo da língua. Luan exclui todos os outros povos que utilizam a LI. Tal crença deve ser desconstruída por meio de aulas que apresentem não apenas UMA cultura ou UM país. A multiculturalidade deve estar presente nas aulas de LI, que deve ser espaço para expansão de horizontes.

Figura 14: 2º Desenho feito por Lucas

**Quadro 14****Relatos de si sobre a LI**

Luan	“Não entendo muita coisa, mas gostaria de aprender sobre o inglês, porque quero viajar, sair para conhecer novos países, conhecer novas culturas, novos lugares, mas acho o inglês muito difícil.”
------	--

Percebe-se que no seu segundo desenho o participante, apesar de mencionar sua dificuldade, menciona conhecer ‘**novos países, novas culturas, novos lugares**’, e não apenas os EUA. Consideramos, então, que possa ter havido a ressignificação de uma crença. Esta ressignificação pode ser devido às oficinas. Trabalhamos com o gênero escrita de cartões postais que tinham fotos de diferentes lugares. Deste modo, Luan pode ter expandido seu olhar com relação ao mundo e ao papel da LI.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo de pesquisa levantar e analisar algumas crenças mais recorrentes, mapear o que os alunos pensavam sobre aprender LI e promover um plano de ação para desconstruir as crenças negativas que de certa forma causam impacto em suas aprendizagens. O título do trabalho remete a uma das crenças mais ouvidas pelos professores de LI da rede pública e buscamos mostrar que apesar da pouca carga horária destinada à língua inglesa é possível desconstruir este discurso, mostrando que os alunos e os professores são capazes de aprender e ensinar a LI. Não podemos comparar o trabalho da escola com o trabalho dos cursinhos, a escola é um espaço coletivo onde são ensinadas várias disciplinas e não a tempo o suficiente para a língua inglesa. Penso que precisamos lutar por mais tempo e qualidade, mas não podemos aceitar a desqualificação da escola pública e de seus alunos. Há muitos exemplos bons nas escolas públicas e é preciso considerá-los e cada vez mais fazer um bom trabalho e mostrá-lo através de ações, artigos, eventos e etc.

A maioria dos alunos representaram em seus primeiros desenhos a língua inglesa como: Impossível, inatingível, difícil, viagem, mercado trabalho. Tivemos também duas representações positivas no primeiro e segundo desenho. Respondemos então nossa pergunta de pesquisa: Quais são as crenças representadas nos desenhos dos alunos e de que forma elas foram ressignificadas? As crenças foram as que mencionamos através dos adjetivos acima e foram ressignificadas por meio de um projeto nomeado *ENGLISH MOTIVATION*, que objetivou romper com crenças negativas através de aulas lúdicas em que preparamos jogos, brincadeiras, poemas e atividades interessantes, mostrando que aprender a LI pode ser: possível, atingível, fácil, não apenas para viagens ou para mercado de trabalho.

A partir dos desenhos mostrados na análise de dados foi possível perceber que a maioria teve um olhar diferente depois das oficinas. Desse modo acredito ser possível operar mudanças no contexto em ensinamos a LI. Aprender uma língua deve ser uma atividade prazerosa e não penosa. Para isso o docente precisa estar atento transitando em diferentes metodologias a fim de proporcionar olhares mais significativos e otimistas em relação a língua que estamos ensinando e aprendendo.

Acreditamos ter respondido à nossa pergunta de pesquisa e finalizamos com a sensação de termos contribuído com a formação dos alunos e a nossa própria. Esperamos que este trabalho seja lido e que incentive e inspire outras pessoas na área de ensino e aprendizagem de línguas. Aprender e ensinar deve sempre ser um ato de carinho, responsabilidade e afetividade.

O trabalho pode servir para futuras ações e planejamentos de aulas que levem em consideração meios para motivar e conscientizar os alunos de suas habilidades e capacidades. Falar outra língua é direito (neste caso inglês) de todos e é preciso que nós futuros professores e professores, nos empenhemos em desconstruir crenças limitadoras. Estas desconstruções são possíveis por meio de estudos e ações que colaborem para que as aulas de LI sejam espaço para expansão de olhares sobre o mundo e sobre os sujeitos que o habitam.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rodrigo Camargo; CAJAZEIRA, Roselma Vieira. Emoções, crenças e identidades na formação de professores de inglês. **Caminhos em linguística aplicada**, Volume 16, Número 2, p. 109-133, 1º sem 2017.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais -Língua Estrangeira*. Brasília: MEC.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) >. Acesso em: 03 dez 2019.

BARCELOS, A. M. F.; Coelho, 2005: 115. Lugares (im)possíveis de se aprender inglês no Brasil: crenças sobre aprendizagem de inglês em uma narrativa. In: CÂNDIDO DE LIMA. Diógenes. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplo olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.149.

BARCELOS, A. M. F. Lugares (im)possíveis de se aprender inglês no Brasil: crenças sobre aprendizagem de inglês em uma narrativa. In: CÂNDIDO DE LIMA. Diógenes. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplo olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.153.

BOMBONADO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016.

CÂNDIDO DE LIMA, D. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplo olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CONCEIÇÃO, Mariney Pereira (Org.). **Experiências de Aprender e Ensinar Línguas Estrangeiras: Crenças de Diferentes Agentes no Processo de Aprendizagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

IABELBERG, Rosa. *O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

LEFFA, J. Vilson. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: CÂNDIDO DE LIMA. Diógenes. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LEFFA, Vilson J. Pra que estudar inglês, profe?: Auto-exclusão em língua-estrangeira. *Claritas*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-65, maio 2007.

NOVELLI, Josimayre; ROSEIRA, Ana Claudia da Silva. **Crenças de Alunos-Professores de Língua Inglesa: Um Olhar Para a Educação Docente Inicial**. *Entreletras: Programa de Pós-Graduação em Letras, Araguaína*, v. 8, p.92-110, 17 nov. 2017.

PAIVA, V.L.M.O. Ilusão, Aquisição ou participação. In: CÂNDIDO DE LIMA. Diógenes. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.33-46.

SIQUEIRA, Savio. O ensino de inglês na escola pública: do professor postigo ao professor mudo, chegando ao professor crítico-reflexivo. In: CÂNDIDO DE LIMA. Diógenes. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.101.

RIBEIRO, Leila Alves Medeiros. **"EUKURTO APRENDER!"**: A competência acadêmica na (re)construção da identidade do novo aprendiz de língua(s). 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília - Unb, Brasília, 2009. Cap. 3.

SANTOS, N. L. J. C; SILVEIRA, J. M. V. O desenho como construção e significação do pensamento infantil. In: **II Encontro Científico Multidisciplinar – Aracaju/SE – 17 e 18 de maio 2016**. p. 155-172.

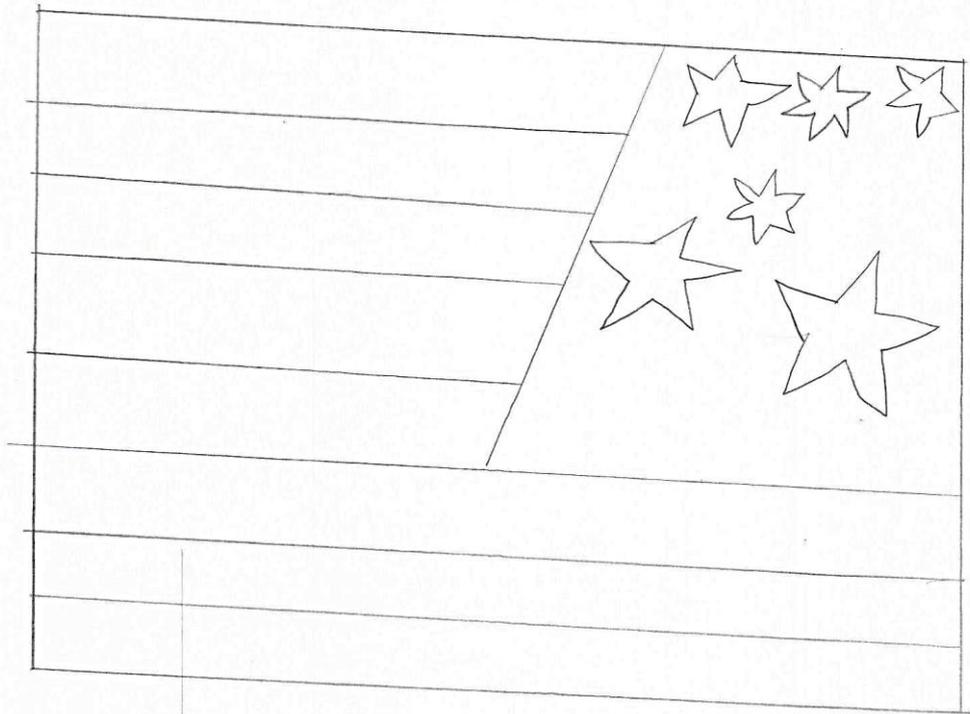
SOUZA, Núbia E. Santos; ARAGÃO, Rodrigo Camargo. **Emoções e identidades de professores entre o aprender e o ensinar inglês**. Entreletras, Araguaína/TO, v. 8, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: (ISSN 2179-3948 – online)

SILVA, Kleber Aparecido da (Org.). **Crenças, Discursos e Linguagem: Volume 2**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

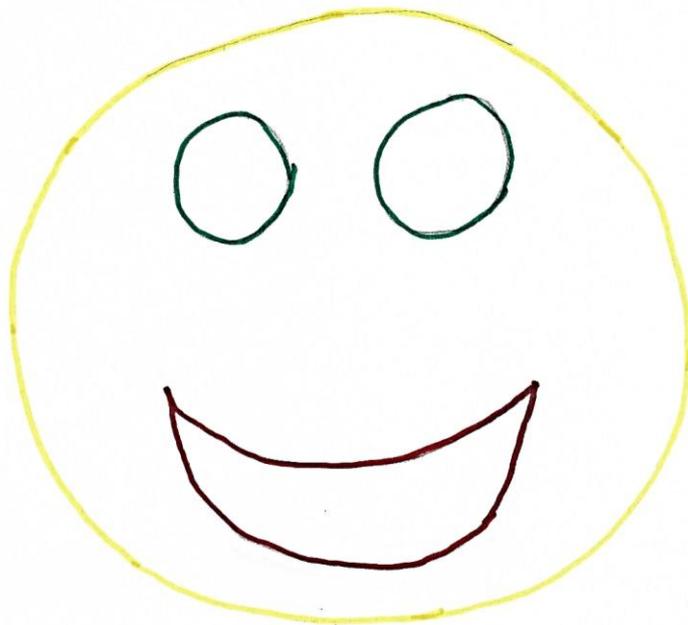
**ANEXO A - Desenhos produzidos antes da ação *ENGLISH MOTIVATION***

Eu gosto muito de Inglês tenho muito  
método em aprender a falar a Palavra  
carreta.

Representa um país que fala inglês.







Esse emoji é como o inglês, O inglês é ~~um~~  
um idioma que temo, que adereis em  
nossas vidas, uma linguagem importan-  
te

RAIO

INGLÊS  
É  
COMO RAIO  
QUE DA EM TODO  
LUGAR



O INGLÊS É MUITO IMPORTANTE  
POR QUE SEMPRE PRESSIONAMOS  
NÃO SABEMOS QUANDO VEM A OPORTUNIDADE  
E UM DIA SAÍREMOS PARA OUTRO PAÍS.  
POR ISSO DEVEMOS APRENDER A LÍNGUA INGLESA



Eu não gosto de inglês porque eu acho muito difícil não entra na minha cabeça, é muito complicado.



Ingles é muito complicado, pois não entra na minha mente!!! Quando começo o estudo tudo se renormaliza, e me bate o robô interno

**ANEXO B – Desenhos produzidos depois da ação *ENGLISH MOTIVATION***

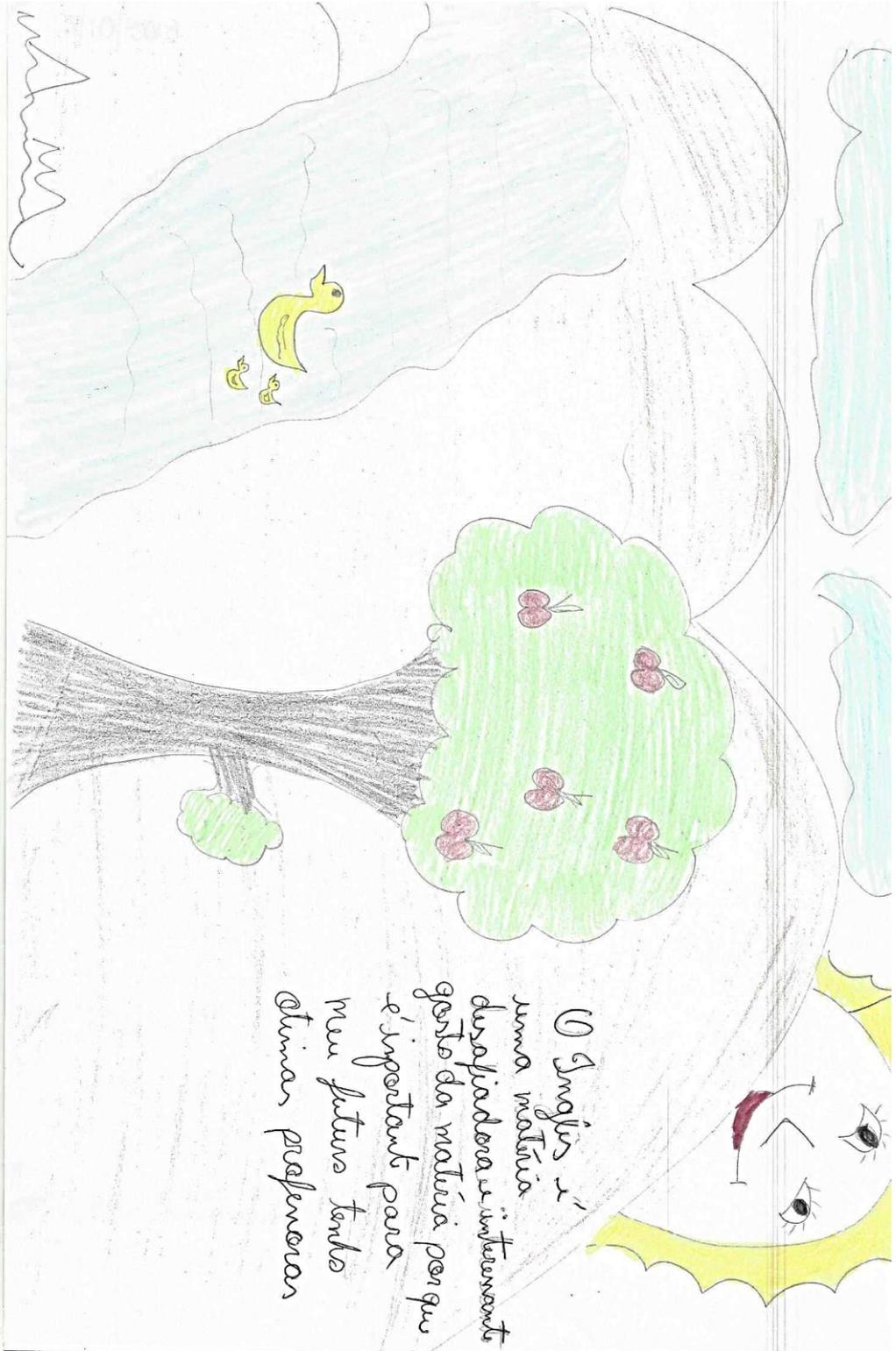
O inglês representa uma língua muito importante para mim.

Eu gostaria muito de aprender falar em inglês. É muito legal.





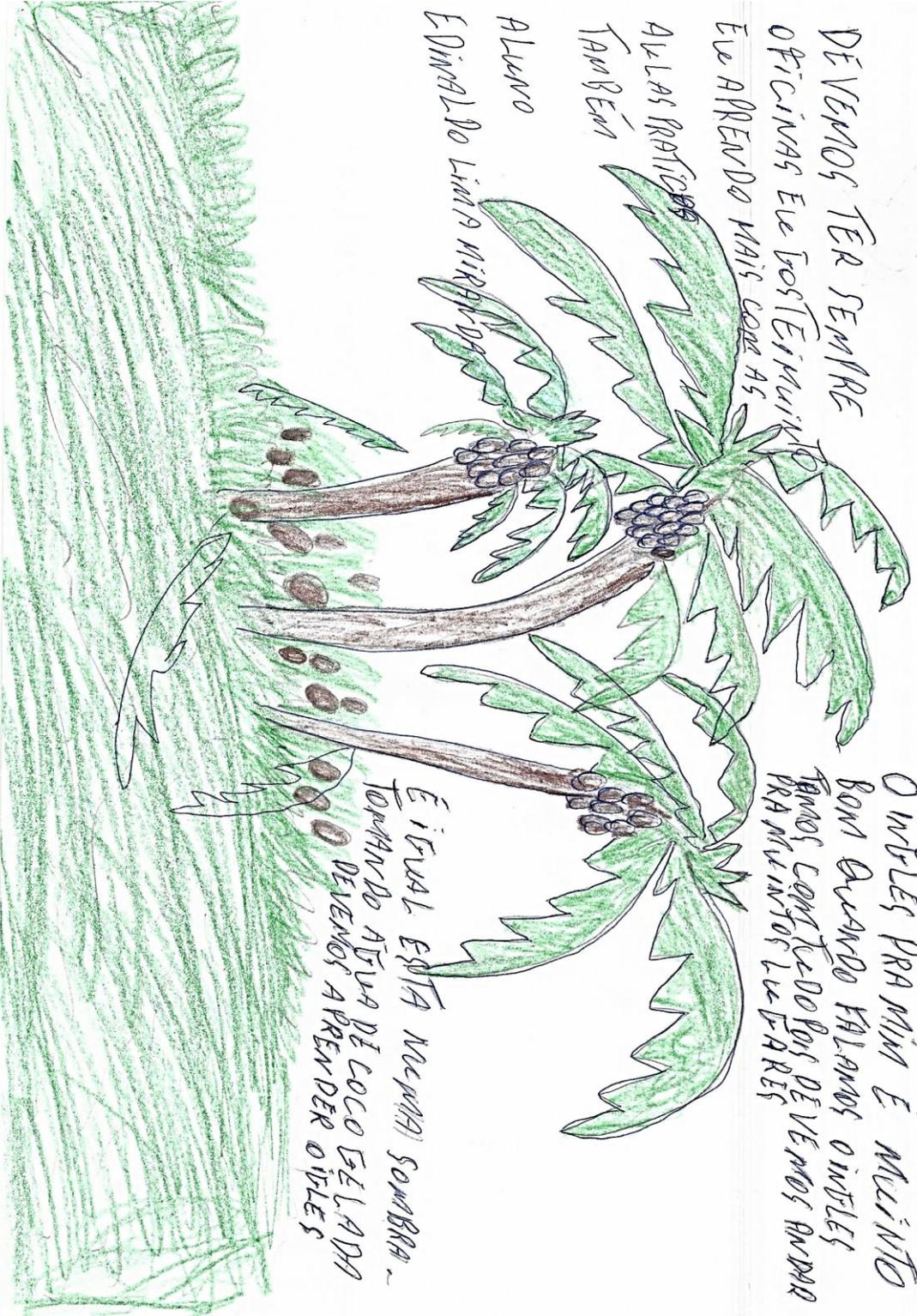
não entendo muita coisa mas gostaria de aprender sobre  
o Inglês porque quero viajar sair para conhecer novas Paises  
conhecer novas culturas novos lugares mas acho o Inglês  
muito difícil



DEVEMOS TER SEMPRE  
 OFICINAS E LEVOS SEMPRE  
 E APRENDO MAIS COM AS  
 ALAS ROTATIVAS  
 TAMBEM  
 ALUNO  
 E DIMAL DO LINGUAGEM

O INTEL PRA MIN E MUITO  
 BOM QUANDO FALAMOS O INTEL  
 TEMOS COM TUDO POR DEVEMOS ANDAR  
 PRA MUITOS LUGARES

E ISTUAL ESTA NOMEA SOMBRRA  
 TOMANDO ATUA DE COCO E ELA DA  
 DEVEMOS APRENDER O INTEL





Eusilene de S.S.

Ingles pra mim, é uma matéria que eu tenho muita dificuldade, não por falta de interesse mais é porque não entra mesmo na minha cabeça.

Mais depois que vocês começaram a ensinar aqui na sala ficou bem melhor, vocês são boas gosto muito da suas aulas.



Este desenho representa que o Inglês  
é uma linguagem importante em nossas  
vidas, não dependemos só do Português  
nessa vida, mais sim do Inglês.



O inglês para mim é um meio muito útil e essencial para conhecer novos lugares, viajar para o estrangeiro 😊, e também melhorar meu currículo e conseguir um emprego com um salário elevado!!!

